



COSMOVISÕES RELIGIOSAS E ESPIRITUAIS

Guia didático de tradições presentes em Portugal



COSMOVISÕES RELIGIOSAS E ESPIRITUAIS
Guia didático de tradições presentes em Portugal

COSMOVISÕES RELIGIOSAS E ESPIRITUAIS
Guia didático de tradições presentes em Portugal

Promotor:

Alto Comissariado para as Migrações, I.P.
www.acm.gov.pt

Direção:

Paulo Mendes Pinto

Coordenação:

Mariana Vital

Autores:

Alexandre Honrado
António Caria Mendes
António Faria
Fabrizio Boscaglia
Filomena Barros
Francisco Filipe
Henrique Machado Jorge
João Ferreira Dias
Joaquim Franco
Mariana Nunes
Mariana Vital
Paulo Branco
Paulo Macedo
Pedro Candeias
Rita Mendonça Leite
Rui da Costa Oliveira
Rui Lomelino de Freitas
Simão Daniel Fonseca
Timóteo Cavaco

Conceção gráfica e paginação:

Alto Comissariado para as Migrações, I.P.

Impressão:

SIG – Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

Edição

Alto Comissariado para as Migrações
Rua Álvaro Coutinho, 14, 1150-025, Lisboa
Telefone: +351 21 810 6100
E-mail: acm@acm.gov.pt
ISBN 978-989-685-080-7
Lisboa, setembro de 2016

Índice

7 Nota de Abertura

Pedro Calado – Alto-comissário para as Migrações

8 Cosmovisões – para um conceito

Paulo Mendes Pinto – Cood. da área da Ciência das Religiões da Univ. Lusófona

10 Cosmovisões originárias na Ásia

Budismo – Dharma do Buda

António Faria

Confucionismo

Mariana Nunes e Mariana Vital

Daoísmo – Taoismo

António Faria

Hinduísmo – Filosofias/Religiões Védicas

António Faria

Sikhismo

Mariana Vital

Xintoísmo

Mariana Nunes e Mariana Vital

17 Cosmovisões oriundas do Mediterrâneo/Europa/América

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Henrique Machado Jorge e Mariana Vital

Antroposofia

Rui Lomelino de Freitas

Cristianismo Evangélico

Paulo Branco

Cristianismo Ortodoxo/Oriental

Rui Oliveira

Franco-Maçonaria

Alexandre Honrado e Rui Lomelino de Freitas

Igreja Adventista do Sétimo Dia

Paulo Macedo

Igreja Católica Apostólica Romana

Joaquim Franco

Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo – Os Tocoístas

Francisco Filipe e Mariana Vital

Islão – Vertente Sunita

Fabrizio Boscaglia e Filomena Barros

Islão – Vertente Xiita
Fabrizio Boscaglia e Filomena Barros

Islão – Vertente Xiita Ismaelita
Fabrizio Boscaglia

Judaísmo
António Caria Mendes e Mariana Vital

Paganismo
Mariana Vital

Protestantismo
Rita Mendonça Leite, Simão Daniel Fonseca e Timóteo Cavaco

Rosacruzianismo
Rui Lomelino de Freitas

Teosofia
António Faria

Testemunhas de Jeová
Pedro Candeias e Mariana Vital

49 Cosmovisões de Raiz Africana

Candomblé
João Ferreira Dias

Umbanda
João Ferreira Dias

Nota de Abertura

Num momento da nossa história global em que, aparentemente, se tornou mais difícil advogar a capacidade de vivermos juntos na diferença, impõe-se clarificar que, quando falamos de integração, nem tudo significa o mesmo.

Frequentemente utilizados enquanto sinónimos, conceitos como multiculturalismo, interculturalidade e assimilação encerram em si significados e formas de promover a integração que resultam, a longo prazo, em modelos de sociedade absolutamente diferenciados.

É num contínuo entre assimilação e multiculturalismo que se traça um primeiro eixo definidor do que pretendemos do outro. Entre o republicanismo assimilacionista (que visa a homogeneidade) e o multiculturalismo segregador (que se baseia na mera acomodação) traçam-se muitas das opções políticas e sociais que nos vêm mostrando os limites de modelos, em si mesmo, esgotados.

Pensar em novas formas de integrar o Outro implica, desde logo, uma primeira pergunta: aceitamos o Outro ou pretendemos eliminá-lo na sua diferença? Esta pergunta, eventualmente impensável há algumas décadas, dado o rescaldo ainda recente de diversos episódios lamentáveis da nossa história recente enquanto humanidade, ganhou nova acutância nos últimos anos. Há, novamente, quem procure demonstrar a impossibilidade da equação que nos permite viver juntos.

Mas há outras questões de fundo que importa colocar de forma clara: Quem chega deve adotar os valores de quem o(a) acolhe? Deve a sociedade de acolhimento transformar-se com os valores de quem chega?

O ideal intercultural de construção da sociedade portuguesa pressupõe esta adoção e transformação mútuas. Partindo do conhecimento e do reconhecimento das diferenças mas também dos pontos de proximidade, numa interação positiva na construção comum da sociedade de todos e de todas, enriquecida pelas diversidades presentes sempre que há coletivos ou grupos, cremos ser possível viver em conjunto. Em diálogo permanente e em mútua transformação, sempre balizados pelos valores fundamentais plasmados na Constituição da República Portuguesa.

A diversidade ao nível das vivências e convivências religiosas tem colocado importantes e aliciantes desafios. As diferenças religiosas ainda podem ser fonte de estranheza e por vezes de tensão e discriminação, mas são, sobretudo, traços que marcam o país, quanto mais Portugal se reconhece também na sua diversidade religiosa. Esta estranheza tem na base o desconhecimento e limita a interação saudável e plural do projeto intercultural.

Conhecer as diferentes vivências religiosas e espirituais, próximas ou distantes, é, antes de mais, um meio fundamental para nos situarmos no mundo atual. Mas é sobretudo a forma de estreitarmos o encontro entre crentes das diversas tradições, e igualmente com os não crentes, partilhando diferentes visões, no reconhecimento e respeito pelas especificidades das várias vivências. É procurar, frequentemente, o que nos une. E isso implica contacto e diálogo.

A presente publicação resulta numa compilação das características das tradições religiosas e espirituais, a grande maioria com presença em Portugal. Fruto do trabalho da equipa da Área das Religiões da Universidade Lusófona, constitui-se como um importante contributo para ampliar e difundir a informação e o conhecimento esclarecido sobre as várias cosmovisões que são referências éticas de vida dos vários crentes. Constitui-se igualmente como mais um recurso fundamental para cidadãos e profissionais neste esforço de aprofundamento do conhecimento.

Para o Alto Comissariado para as Migrações, proporcionar e diversificar os dispositivos e recursos de aprendizagem coletiva é um entre os demais meios mobilizados para a eficaz prossecução das suas atribuições junto da sociedade portuguesa em matéria de reconhecimento e celebração da diversidade e do diálogo intercultural e inter-religioso.

Os diálogos intercultural e inter-religioso são o caminho a trilhar na (re)construção do modelo societal e cultural que procuramos para uma Europa e um mundo de Paz.

Um caminho a trilhar em conjunto, que partindo das (visíveis) diferenças, nos convoque num sentido comum: o daquilo que nos une.

Pedro Calado
Alto-comissário para as Migrações

Cosmovisões – para um conceito

1. A razão deste projecto

O projecto deste pequeno livro/guia vem de um largo caminho realizado na Área de Ciência das Religiões da Un. Lusófona, na constante parceria, quer com instituições académicas e culturais, quer com instituições e líderes religiosos. Este projecto, tal como aqui se apresenta, teve a sua origem numa proposta em bom momento aceite pelo ACM - Alto Comissariado para as Migrações (ACM, I.P.), e desenvolvido pela Área de Ciência das Religiões da Un. Lusófona. Contudo, já tínhamos desenvolvido alguns produtos de reflexão e de descrição que nos conduziram ao que aqui se apresenta, quer na definição lata de «Cosmovisões»; quer na concretização dos diversos campos de cada cosmovisão. E, como caminho na construção do que aqui se apresenta, temos de recuar a 2014, ano em que colaborámos com a Câmara Municipal de Lisboa na organização da World Interfaith Harmony Week. Nesse ano, como complemento a um grupo de debates e exposições, realizámos as primeiras fichas em que, de forma sintética, pretendemos apresentar um vasto grupo de religiões e espiritualidades. Dois anos depois, o volume que o ACM edita é a maturação que resultou da insatisfação e das dúvidas que nesse primeiro momento nos surgiram.

Mas este projecto é, acima de tudo, o resultado da prática de diálogo entre académicos, investigadores, e religiosos e praticantes que tem sido a principal marca do trabalho científico realizado na Un. Lusófona. Os textos, as “fichas” que neste volume se reúnem são resultado de um diálogo entre a equipa de investigação e os próprios grupos que nelas se reconhecem. Desta forma, o conhecimento que aqui trazemos também procura ser diálogo. Não se trata apenas de material literário que pode resultar em diálogo, porque conhecimento, mas diálogo na metodologia de construção do próprio saber.

E neste sentido em que a construção pode – e deve – ser dinâmica também ela de diálogo entre a academia e os grupos religiosos e espirituais, devemos, neste momento, agradecer a todos os que, ao longo dos vinte anos de trabalho que já realizamos, o nosso reconhecido agradecimento na possibilidade de amadurecimento de ideias, de propostas e de conceitos.

2. A Função Didático-Pedagógica

8

Desde final do século anterior que se percebeu o quão fundamental é fornecer aos nossos concidadãos as ferramentas que lhes possibilitem uma atitude crítica fundada em conhecimento e em posições onde o preconceito não impere.

Este livro vai ao encontro dessa necessidade, cada vez tornada mais premente devido aos acontecimentos que, essencialmente, desde Setembro de 2001 alteraram a nossa percepção da segurança. O mundo das religiões tem passado a ser olhado com crescente desconfiança por muitos dos actores políticos e sociais, merecendo por parte da academia e das próprias lideranças um cuidado reforçado.

É devido aos riscos de se desenvolver uma sociedade fundada em valores e representações erradas e em nada construtivas que cada vez mais precisamos de instrumentos que, de forma clara, simples, mas não simplistas, transmitam conhecimento sobre o fenómeno religioso.

Esta função é ainda reforçada na medida em que vemos este pequeno livro como um instrumento didático a ser usado nas escolas, seja por professores e alunos, ou mesmo por pais.

Percorrer as páginas deste volume é aceder de forma rápida e directa a um conhecimento validado e objectivo, numa linguagem simples e acessível.

3. A Função Científica

Por fim, este projecto tem também como que uma função didática e pedagógica em relação ao próprio meio académico que o construiu. A longa maturação em torno da construção de um modelo descritivo de realidades tão diferentes como o Budismo e as várias correntes do cristianismo, obrigou-nos, na mais franca e salutar dinâmica científica, a questionar a própria noção de «religião».

Naturalmente que a nossa reflexão também implicou os tópicos mais correntes da dificuldade de definir «religião». Seja na sua origem etimológica, seja na sua dimensão antropológica e social, a complexidade de que se reveste esta aparentemente simples palavra é um tremendo quebra-cabeças para o investigador.

Contudo, a nossa insatisfação remeteu-nos, especialmente, para os obstáculos de percepção e de representação que a palavra «religião» implica na linguagem mais comum, no senso-comum, no mais corrente leitor deste livro, o não conhecedor dos debates académicos.

Foi através do receio de que ao leitor induzíssemos em erro, que nos afastámos do uso da palavra «religião». Por um lado, porque ela não encerra na sua totalidade todo um espectro de sentidos que em algumas tradições asiáticas mais facilmente encaixariam na noção de «filosofia», e que são dimensões, quer especulativas, quer antropológicas e mesmo psicológicas. Mas, por outro lado, a nossa principal preocupação remeteu-nos para um outro aspecto: ao usar a palavra «religião», o leitor poderia, de forma inconsciente, activar a sua grelha de leitura, a sua semântica quotidiana, aquilo que mais está habituado a ver por detrás dessa palavra. Isto é, a religião dominante, não apenas o é na demografia e na cultura, como o é, de forma sólida, nas estruturas de mentalidade e na sua principal expressão, a linguagem. Referir «religião» é usar marcadores de pensamento previamente definidos e que nos ligam a uma realidade onde se valoriza o enfoque nas instituições, nos livros sagrados, nas hierarquias, e mesmo nos dogmas.

Ao tratar realidades tão diferentes e com origens geográficas e culturais tão díspares, percebemos como, até, o olhar para a realidade culturalmente mais próxima pode estar enviesada e refém de vícios de percepção. A fuga à palavra «religião», acrescentando «espiritualidade», resolve parte significativa dos problemas de categorização. Quer o Budismo, quer a Maçonaria, não se podem catalogar como Religião, mas dialogam com alguma coerência com a ideia de espiritualidade. Mas, a dimensão espiritual não cobre todo o horizonte de problemáticas que se levantam ao colocar num mesmo projecto A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e o Confucionismo.

E a principal função, por exemplo, da estrutura de pensamento budista não reside, nem numa revelação, nem numa verdade, nem, muito menos, na afirmação de uma divindade ou escatologia. Ao olhar para as tradições nascidas na Ásia, somos transportados para o campo das metodologias, das ferramentas de vida, das “vias”. Mais que crença, são métodos de relação consigo mesmo aquilo que numa tradição asiática o indivíduo procura, e encontra. Assim, ele não é necessariamente crente, mas praticante.

Obviamente, esta reflexão que, no fundo, é uma constatação, tem um retorno imediato na forma de pensar as religiões oriundas dos monoteísmos nascidos em torno do Mediterrâneo. Também os cristanismos são “vias”, apesar de muitos dos cristãos se terem afastado de um quotidiano que seja marcado por métodos de vida, sejam eles exercícios espirituais, orações ou outras formas de trazer conhecimento religioso para o quotidiano.

Desta forma, assumimos que o mais importante, por se tratar de um instrumento de natureza didáctica, era chegar às formas de relação dos crentes, membros ou praticantes, com o mundo à sua volta. Interessa, obviamente, a definição de crença, quando a haja, mas interessa muito mais compreender a forma de ver o mundo e a própria humanidade. No fundo, recolher os elementos que permitam ao leitor chegar próximo daquilo que pode ser ferramenta útil no diálogo.

É deste compromisso entre o conhecimento e a sua transmissão que surge a palavra «cosmovisão» como opção a «religião» e mesmo a «espiritualidade». Uma Cosmovisão é, na prática, tudo o que define as formas de relação entre um indivíduo e tudo o que o rodeia, desde a noção de criação, passando pela humanidade e pelo mundo, parando nos interditos e nas formas de organizar o tempo e o espaço, sem esquecer os textos definidores de tudo, quando eles existem.

Assim, nasceu uma grelha que reúne alguns aspectos que são fundamentais para compreender como cada grupo lida com a sua envolvente. E referimos a «envolvente» porque a principal razão de adopção da noção de «cosmovisões» radica numa dimensão ecológica, de envolvimento, de complementaridade, de interacção e de complexidade. Uma cosmovisão é ecologia, porque relação e integração.

As cosmovisões que aqui se apresentam pretendem ser uma síntese da forma como cada grupo se coloca perante o que lhe é importante. Só nesse ponto de vista nos será possível construir diálogo.

Paulo Mendes Pinto

Cosmovisões oriundas da Ásia



BUDISMO – DHARMA DO BUDA

Dharma do Buda, vulgarmente conhecido por “Budismo”, representa as plurais tradições filosóficas que surgiram dentro do Dharma do Buda (Via do Buda).

Contexto de Origem: Terras de Bhārat (Índia), no séc. VI AEC, na zona pré-himalaica. Num contexto de fervilhantes mudanças (no que diz respeito a Dharma e Darśana, ou seja, religião enquanto prática de vida, segundo um dado ponto de vista/modelo, filosofia), entre os sec IX AEC e V AEC, que culminou no estabelecimento de bases sistemáticas do que ficou conhecido como Jaina Dharma, Sanāthana Dharma e Buda Dharma (vulgo Jainismo, Hinduísmo e Budismo). Um conjunto de propostas para a solução dos problemas dos seres sencientes, apresentadas posteriormente através 3 Rodas do Dharma. Impermanência, interdependência. Vacuidade (Skt. Śūnyatā). Um Caminho do Meio, onde se ultrapassam as visões essencialistas e niilistas. Meditação. Poderá ser entendido como uma Filosofia de Vida (filosofia/religião/terapia) assente nas interpretações e práticas do que foi escutado e escrito, uma epistemologia pragmática, uma fenomenologia terapêutica assente numa ética fraterna, conjugada pela escuta e leitura activas, pela reflexão crítica do que foi lido e/ou escutado (atenção sem tensão), pela prática do que foi compreendido (transformação). Relaxação, estabilidade e lucidez contribuem para uma vivência das coisas tais como elas são.

Visão do Mundo: Uma visão otimista do mundo e da vida, que nem é teísta nem não-teísta, e que propõem uma metodologia conducente a um estar atento que é vivido sem sofrimento. Um ensinamento experiencial para a cessação de duḥkha, as múltiplas formas de insatisfação. Para além da fé cega, do que se usa fazer ou de uma qualquer teoria que se ouviu dizer. O ponto de partida do Dharma do Buda radica na determinação firme para que seja erradicada a abrangência da insatisfação/sofrimento (Skt. duḥkha) patente na experiência vivencial humana.

Visão da Humanidade: Dada a existência de duḥkha, na experiência humana (insatisfação, sofrimento, o diagnóstico) há que conhecer as suas causas e efeitos, contribuindo para a eliminação da experiência de duḥkha, pela erradicação das suas teorias (terapia).

Locais Sagrados: Bodhgaya, Distrito de Gaya, no Estado Indiano de Bihar, o local onde o Buda atingiu a iluminação.

Textos Sagrados: Tripitāka (Três Cestos), Sūtras do Mahāyāna (Aforismos do Grande Veículo); Kangyur e Tangyur (Dharma Tibetano).

Datas Sagradas: Festival de Vesak (Pal. Vesākha; Skt. Vaiśākha; Jap. Hanamatsuri ou Kanbutsu-e), entre outras. A Comemoração das Três Jóias. O trazer felicidade para todos os seres. Datas variáveis: Vesak (Mês de Vaisakha) 2015; Dia do Buda – nascimento/iluminação; e Passagem (Parīnirvāṇa)

Símbolos: Roda do Dharma/Roda da Vida, entendida como o Óctuplo Caminho (que é associada à Quarta Nobre Verdade – que contém Sabedoria; Ética e Treino da Mente)

Interditos: Não tem. Cada filosofia/religião dita os seus preceitos afirmativos e negativos

Em Portugal: Existem várias tradições, nomeadamente: Budismo Tibetano, Budismo Zen, Budismo Chan e Theravada.

(António Faria)



CONFUCIONISMO

Ensino ru/Escola ru (rujia 儒家), vulgarmente conhecido por “confucionismo”

Contexto de Origem: O Confucionismo nasce na China, durante o Período da Primavera e Outono (ca. 770-476 a.C.) marcado por desigualdade socioeconómica e instabilidade política. A inexistência de um fundador, mas de um Mestre (Confúcio) que apelava ao ensino dos antigos (das dinastias “míticas”, particularmente a Zhou) caracterizou esta corrente que se tornou a ideologia “oficial” do Império Chinês desde a Dinastia Han, mantendo-se influente ao longo do período imperial chinês (até ao séc. XX). Esta tradição assumia-se como uma via assente na procura da harmonia entre o indivíduo e o Céu (tian 天) que convive com outras tradições (Taoísmo e Budismo). É entendida como uma escola de pensamento constantemente sujeita a reinterpretação por parte de outros pensadores posteriores a Confúcio.

Visão do Mundo: O mundo é entendido como algo real no qual o Homem desempenha um papel fundamental de equilíbrio. As relações familiares servem de modelo para a comunidade, afetando de forma positiva a natureza e há a possibilidade de redefinição do mundo como bom, harmonioso e acima de tudo, pacífico, graças à ação correta do Homem.

Visão da Humanidade: Destaca-se uma visão otimista, celebrando-se a “natureza humana” (ren 仁), termo traduzido por “benevolência”) inata ao caráter do Homem, permitindo a sua auto-cultivação e perfeição. Segundo o Confucionismo, o Homem como um ser que não se isola dos outros e que age de acordo com a sua função e papel na sociedade (“retificação dos nomes” ou zheng ming 正名), respeitando a hierarquia.

Distribuição Geográfica: O número de seguidores do Confucionismo no mundo é de cerca de 6 milhões distribuídos pelos cinco continentes com especial concentração na Ásia (Japão, Coreia do Sul, Tailândia e Bruma), na Oceania (Austrália), e na Europa (Bélgica e Suécia).

Locais Sagrados: Terra natal de Confúcio em Qufu, província de Shandong.

Textos Sagrados: Os Cinco Clássicos (Clássico das Odes/Poesia, Clássico dos Documentos, Clássico dos Ritos, Clássico das Mutações e Anais da Primavera e Outono) e os Quatro Livros (Grande Ensino, Doutrina do Meio, Analectos e Mêncio).

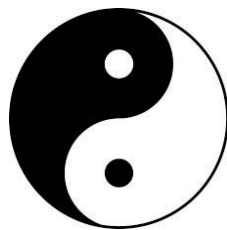
Símbolos: o carácter rú (儒) que significa “erudito”, pode ser aplicado tanto a referências do Confucionismo presente como ao do passado.

Datas Sagradas: Aniversário do Mestre (28 de setembro).

Interditos: É tido como referência o seguinte pensamento atribuído a Confúcio: “Não imponhas aos outros o que não desejas que os outros te imponham a ti” (Os Analectos, circa 500 AEC).

Em Portugal: Atualmente não existe representação conhecida em Portugal.

(Mariana Nunes e Mariana Vital)



DAOISMO – TAOISMO

Dao, Daojia-Daojiao (Escola do Dao-Ensino do Dao) redutoramente denominado de “Daoismo” e muitas vezes de “Taoismo”.

Contexto de Origem: China. Uma das seis escolas: Yin-Yang, Confúcio, Moismo, Legalismo e Escola dos Nomes. Tanto quanto julgamos saber, parece (re)surgir em época socialmente conturbada, aparentemente entre os séc. VII e V AEC. As ideias dooaoistas incluem: De (“a função do Dao”), wuwei (“acção sem esforço”), ziran (“naturalidade”), como tornar-se um shengren (“sábio”) ou zhenren (“alguém realizado”), e o próprio indivizível, inefável e misterioso Dao (“Via”). Dito de outro modo, propõe a contemplação da Natureza, a “não-acção” (que não é inacção), a suavidade, a humildade, a generosidade, a não-violência, a simplicidade, evitar excessos normativos e proibitivos (demonstradores de decadência moral de uma sociedade; o homem virtuoso age corretamente de uma forma natural; «o justo não carece de lei»). O Dao é indivisível, sem características, sendo a fonte de tudo. Sem ser uma coisa não é nada. É simultaneamente transcendente e imanente. Está para além do nome e forma, sendo a condição de possibilidade de tudo o que existe. Para além de toda a determinação e limite, é a própria condição dos limites e determinações. O Dao propõe a vida enquanto simplicidade nua, a harmonia céu-terra-humanidade, a paz no indivíduo e na sociedade. Para isso, propõe fazer o natural, não pelo aderir a determinações ou convenções sociais. Em vez do cultivo da virtude e do desenvolvimento das relações humanas (propostas por Confúcio), enfatiza a suavidade espontânea do viver, através da acção humana em harmonia com o modo natural das coisas. Dao é o processo da própria realidade, o modo como as coisas surgem sempre em conjunto, pese embora as suas tranformações. A mudança/movimento é a característica básica de todas as coisas. A distinção entre “Dao filosófico” e “Dao Religioso” é tida como irrelevante, meramente fruto do pensamento ocidental moderno. Os sábios seguidores do Dao parecem não estar minimamente interessados nestas categorias ou dicotomias.

Visão do Mundo: Uma visão holística, onde a Natureza apresenta um equilíbrio inato. Junta pensamento e prática.

Visão da Humanidade: O homem carece de contemplar a Natureza e tomá-la como referência nas suas atitudes e pensamentos, conquistando assim a harmonia e a felicidade.

Distribuição Geográfica: Existem mais de 20 milhões de adeptos espalhados por todo o mundo (2 milhões no Brasil), sendo muito popular em Hong Kong (mais de 360 templos).

Locais Sagrados e Datas Sagradas: Durante todo o ano existem na China datas festivas que são celebradas na maioria dos Templos Taoistas. Dos grandes festivais indicaremos o Ano Novo Chinês, o Festival das Lanternas, o Festival do Barco do Dragão, o Festival do Fantasma e o Festival do Meio do Outono.

Textos Sagrados: Daodejing ou Tratado da Via e do seu Poder; Zhuangzi (evidenciando algumas implicações epistemológicas e místicas do Daodejing); Canções de Chu, Guangzi, etc.

Símbolos: O Yin Yang é o símbolo mais facilmente reconhecido do Taoismo e representa a dinâmica de forças no universo. Segundo a filosofia Taoista, o Yin e Yang simbolizam as duas forças primevas no universo: Yin (lua) é a força receptiva, passiva, fria e feminina; o Yang (sol) é a força masculina do movimento e do calor. Assim, o símbolo do Yin Yang evoca a harmonia ideal entre as duas forças.

Interditos: Não tem. Cada filosofia dita os seus preceitos afirmativos e negativos.

Em Portugal: Associação Daoísta de Portugal, fundada em 2010, tem trabalhado no sentido de desenvolver, contribuir e esclarecer sobre o Daoísmo nas suas diversas formas, guiados por sacerdotes ligados a um mestre Daoísta chinês.

(António Faria)



HINDUÍSMO – FILOSOFIAS/RELIGIÕES VÉDICAS

Filosofias/Religiões Védicas, vulgarmente conhecido por “hinduísmo”, conceito redutor e em muito alienígena. É sem fundador humano datável. Tem por base os Vedas, uma complicação do que é entendido como tradição Ancestral (Śruti) que deu origem a comentários e sistematizações, que resultaram em várias tradições (Smṛti). Sanāthana pode ser entendido como eterno, sem fim ou começo, e Dharma – da raiz dhri, que pode significar segurar ou sustentar – o que tudo sustem, eternamente.

Contexto de Origem: Terras de Bhārat (Sub-continente Indiano), desde o 3º milénio AEC ou mesmo anterior. Podemos distinguir vários períodos, onde existiu, até aos dias de hoje, um processo dinâmico de interinfluência no que diz respeito a Dharma e Darśana. Nas contínuas sistematizações, foram surgindo vários olhares conforme os pilares em relevo. Do muito que sobre este tópico haveria a dizer, adiante-se a relação entre o discípulo e o guru, a não separabilidade e ainda a prática do Yoga como método para que o praticante realize Mokṣa, libertação pelo percorrer da via escolhida. Propõe-se orientar a humanidade para a realização da sua potência, elevando o homem às alturas sublimes da glória do mundo da espiritualidade. Propõe um ensinamento experiencial conducente à cessação de duḥkha, nas suas múltiplas formas.

Visão do Mundo: O Universo é, na realidade, harmonia, lei natural, Ética englobante, ensinamento, Tradição/Filosofia/Religião, Ordem e Sabedoria, conformidade Divina, lei Universal, o todo e a parte.

Visão da Humanidade: Uma visão positiva do homem, que surge nas mais variadas formas, o que propõe uma metodologia conducente à fusão com o Todo (Brahman) ou um estar Kevalajñāna, o permanecer na própria essência.

Distribuição Geográfica: Estimam-se cerca de 850 milhões de crentes do Hinduísmo distribuídos pelo mundo. Cerca de 8 000 000 na Ásia, 1 535 000 na África, 1 522 000 na Europa, 748 000 na América Latina, 1 185 000 na América do Norte e 305 000 na Oceania.

Locais Sagrados: São muitos os locais sagrados, dadas as inúmeras tradições existentes em todo o subcontinente. Como simples ilustração podemos referir a existência de Sete Cidades Sagradas sendo a mais importante Varanasi, também considerada sagrada para os adeptos do Dharma do Buda e do Dharma Jaina. Os “hindus” acreditam que a cidade foi fundada por Śiva. Numerosos rituais de purificação, nas águas do rio Ganges.

Datas Sagradas: a festa que celebra Ganesha, o primeiro filho de Śiva e Parvati, com a duração de 10 dias, e também o ritual de Diwāli (também dito Deepavali ou Deepawali), uma festa religiosa, conhecida também como o festival das luzes. Celebrado uma vez ao ano, celebra a morte de Narakāśura (um Asura), o que contribui para que o Dwali (A Festa da Luz, e que possui três propósitos fundamentais) seja tido também como um evento religioso dado que simboliza a destruição das forças do mal.

Textos Sagrados: Os 4 Vedas; Vedāṅga, Upaniṣad, Purāṇa; (Sūtras; Śāstras; Āgamas; Itihāsas), etc.

Símbolos: A palavra OM deriva do Sânscrito e corresponde (segundo as tradições Védicas) ao som primordial através do qual a terra foi criada. O símbolo que representa o OM é chamado Omkar e é composto por quatro partes que simbolizam os quatro estados da consciência humana: o acordar quotidiano ou estado material; o estado de sono profundo; o estado de sonho; e o estado da absoluta consciência ou o estado acordado.

Interditos: Não tem. Cada filosofia/religião dita os seus preceitos afirmativos e negativos.

Em Portugal: A Comunidade Hindu desenvolveu-se em Portugal a partir de 1975, como consequência da descolonização de Moçambique, englobando aproximadamente 9 000 membros e cerca 800 sócios efectivos, residentes nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e, na sua maioria, oriundos de Moçambique e alguns do Estado de Gujarat pertencentes à Índia Portuguesa. Hoje a Comunidade Hindu Portuguesa põe à disposição dos seus membros o Templo Radha Krishna e assume-se enquanto depositária do legado secular da tradição, valores, cultura e religião hindus.

(António Faria)



SIKHISMO – SIKHI

Conhecido como Sikhi ou Sikhismo/Siquismo. O termo “Sikh” deriva do sânscrito शिष्य (śiṣya; discípulo, estudante) ou de शिक्ष (śikṣa; instrução).

Contexto de Origem: O Sikhismo foi fundado por Guru Nanak (1469-1539), nascido na vila de Talwandi (hoje Nankana Sahib, Punjab, Paquistão) que é considerado líder e reformador social. Mas ainda que o seu líder tivesse fundado o Sikhismo, a história desta religião só se desenvolve aquando da morte do quinto guru do Sikhismo, Arjan Dev, em 1606. As práticas religiosas foram formalizadas pelo Guru Gobind Singh, a 30 de março de 1699. Gobind Singh iniciou cinco pessoas oriundas das mais variadas origens sociais, conhecidos como os Panji Piare (os cinco amados) que formariam a Khalsa (o corpo colectivo dos iniciados Sikhs). O século XVIII ficou marcado pela ascensão política dos Sikhs no Punjab. Em 1801, Ranjit Singh fundou o reino de Lahore que durou até 1849, ano em que foi anexado pelos britânicos. Em 1873, a comunidade Sikh agrupou-se na Singh Sabha (“Assembleia dos Leões”), um órgão criado como forma de garantir os interesses da comunidade Sikh no Punjab de finais do século XIX, marcado pelo revivalismo religioso islâmico e hindu, bem como pela acção dos missionários cristãos. A maior parte dos Sikhs que viviam no território atualmente paquistanês migraram para a Índia aquando da separação de forma a evitar a perseguição religiosa.

Visão do Mundo: Segundo o Sikhismo, Deus (Naam) criou o Mundo e permeou-se nele. Desta forma, Deus está presente em todas as coisas e em todas as formas, trabalhando através dos ventos, águas e todos os mundos. Para os Sikhs, Deus é a vida de toda a vida pois o mundo e Deus são um e Deus está em todos os corações.

Visão da Humanidade: A visão Sikh tem como princípio a fé e a meditação em nome do único criador e na unidade e equidade de toda a humanidade; a luta pela justiça social e pela prosperidade e benefício de todos através do trabalho altruísta; e a conduta e o sustento honestos enquanto se vive uma vida de acolhimento e partilha com aqueles que o necessitam. O propósito da humanidade é, partindo de uma natureza que erra e tropeça, reconectar-se com Deus, salvando-se e libertando-se de todas as formas de egoísmo, servindo o corpo físico, nesta perspectiva, como meio para se reunir com Deus.

Distribuição Geográfica: O número de Sikhs no mundo é estimado em cerca de 23 milhões, essa estimativa faz do Sikhismo a quinta maior religião mundial em número de aderentes. É estimado que 19 milhões vivem na Índia, concentrados, em sua maioria, no estado do Panjabi. Existem numerosas comunidades Sikhs no Reino Unido, nos Estados Unidos e no Canadá. Também são uma minoria importante na Malásia e Singapura.

Locais Sagrados: O Harmandir Sahib (o Templo de Ouro, em Amritsar) é o mais importante templo Sikh.

Textos Sagrados: A escritura principal para os Sikhs é o Guru Granth Sahib (ou Adi Granth, representado este o Primeiro Volume referindo-se à escritura criada por Guru Arjan em 1604). Outros escritos sagrados da religião são o Dasam Granth (“Livro do Décimo Guru”) e as composições de Bhai Gurdas e Bhai Nand Lal (Bhai, “Irmãos”), mas estes não gozam de consenso universal e são considerados escrituras secundárias para muitos Sikhs.

Datas Sagradas: As principais festas religiosas ocorrem por altura do aniversário do nascimento dos gurus, em particular do Guru Nanak (meados de novembro) e do Guru Gobind Singh (meados de junho). Também é costume celebrar o Hola Maholla (meados de março), Ano Novo (Vaisakhi ou Baisakhi, kjkijou a meio de abril) e dos martírios do Guru Arjun (7 de junho), do Guru Tegh Bahadur (3 de novembro) e dos dois filhos do Guru Gobind Singh.

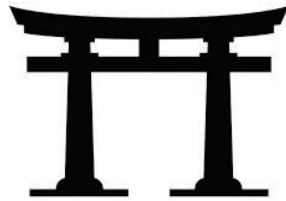
Símbolos: O Khanda é o símbolo mais importante do Sikhismo e resulta da junção de quatro armas: a espada de dois gumes ao centro (a Khanda) com o Chakkar (arma circular usada do séc. XVIII), ladeados por duas espadas curvas (Kirpans). Todos os elementos representam virtudes divinas: criatividade, justiça, liberdade, moralidade e espiritualidade, a eternidade e a perfeição, e os poderes espiritual e temporal.

Para o Sikhismo são alvo de proibição: Classe sacerdotal (não há sacerdotes no Sikhismo, apenas serviço litúrgico

sem classe privilegiada); cortar o cabelo (para quem realizou a cerimónia de iniciação); intoxicação (através do consumo de álcool, drogas não medicinais, tabaco, etc.); comer carne haram e praticar adultério.

Em Portugal: Os Sikhs em Portugal são uma pequena minoria e incluem-se na comunidade indiana em território nacional composta por 80 000 elementos. Contam-se entre 10 mil a 16 mil Sikhs no país, sendo o espaço de culto de referência a Gurdwara da Congregação Sikh de Lisboa, localizada na rua José Duarte Lexim, lote 6º, em Odivelas.

(Mariana Vital)



XINTOÍSMO

Via/Caminho dos kami, vulgarmente conhecido por “xintoísmo” (shintō). Inicialmente referido como jindō, termo associado a um contexto taoísta (séc. VIII). Uma tradição que só foi entendida como religião independente numa época muito posterior (ca. séc. XIX da nossa era).

Contexto de Origem: O Xintoísmo surge no Japão, por volta do séc. VI, e é visto como tradição autónoma de origem ancestral ligada à cultura japonesa, particularmente à casa imperial. Esta tradição assume a inexistência de um fundador ou escrituras, apoiando-se sobretudo em mitologias e relatórios de práticas rituais. O Xintoísmo é essencialmente uma tradição espiritual com forte prática ritual desenvolvida em espaços próprios designados “santuários” ou jinja (神社).

Visão do Mundo: Segundo a visão Xintoísta, o mundo não existe isolado e inclui formas de vida tanto orgânicas como não orgânicas. Reconhece-se ainda, a interligação entre o mundo material dos homens e mundos de natureza mais subtil no qual residem kami. Esta visão otimista de que o mundo tem a capacidade de se elevar e de se desenvolver, deve-se graças à energia vital que tudo permeia na Natureza.

Visão da Humanidade: A visão da Humanidade caracteriza-se pelo otimismo, celebrando-se a natureza inerente positiva do Homem, um filho dos kami e dependente da natureza e sociedade. Afirma-se a capacidade de harmonia e cooperação do Homem com o mundo dos kami, e o Homem, como um ser criado com um propósito, deve respeitar os seus antepassados e cuidar dos seus descendentes.

Distribuição Geográfica: O número de seguidores do Xintoísmo no mundo é de cerca de 106 milhões de pessoas.

Locais Sagrados: Santuários Xintoístas, em especial os complexos de Ise, Meiji, Yasukuni e Izumo.

Textos Sagrados: Kojiki (Registo de Assuntos Antigos, ca. 712), Nihon Shoki (Crónica do Japão, ca. 720) e Engi Jiki (Leis Detalhadas do Período Engi, séc. XII d.C.).

Datas Sagradas: Dia de Ano Novo (1 de janeiro), Shichi-go-san (15 de novembro, uma celebração/ritual de passagem para crianças entre os três e os sete anos), Kinensai (17 de fevereiro), Niinamesai (23 de novembro, um festival de final de colheitas), Kigensetsu (11 de fevereiro, feriado nacional, Dia da Fundação Nacional do Japão), Meijisetsu (3 de novembro, Dia da Cultura) e Tenchōsetsu (23 de dezembro, festa do nascimento do Imperador).

Símbolos: Torii (portal que marca a entrada para o espaço sagrado, representa a transição entre mundo finito para o infinito mundo dos deuses - Kami).

Interditos: Cada sector do Xintoísmo dita os seus preceitos afirmativos e negativos e o que é considerado tabu.

Em Portugal: Atualmente não existe representação conhecida em Portugal.

(Mariana Nunes e Mariana Vital)

Cosmovisões originárias no Mediterrâneo / Europa / América



A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Vulgarmente conhecida por Igreja Mórmon ou pelas siglas SUD (em português; Santos dos Últimos Dias) ou LDS (em inglês: Latter Day Saints). A designação «mórmon» provém do nome de um profeta que viveu e evangelizou no continente americano na primeira metade do séc. IV da era cristã/comum (EC).

Contexto: Jesus Cristo, no decurso do seu curto magistério terreno, escolheu Simão/Pedro como «a rocha» sobre a qual a Sua Igreja seria construída. Pedro converteu e organizou judeo-cristãos; a Paulo coube a missão de conversão de pagãos ao Cristianismo. A doutrina cristã ficou consolidada em finais do I século EC, tendo como principais esteios doutrinários as Epístolas de Paulo e o Evangelho de João. A adoção do Cristianismo como religião de Estado pelo imperador Constantino no séc. IV EC, ao invés de abrir as portas a um renovado esforço de conversão – em amor e respeito pelo semelhante –, a essência da missão do Cristianismo, reforçou a tendência de progressiva transformação da Igreja em estrutura de poder temporal, sedenta de acumulação de património e soberania territorial. Espíritos divinamente inspirados, como Francisco e Domingos (sécs. XII e XIII), Teresa de Ávila, João da Cruz, Inácio de Loyola, Francisco Xavier, bem como o reformador Martinho Lutero (séc. XVI), combateram, por vias marcadamente diversas é certo, esse voltar de costas à missão evangelizadora divinamente atribuída. Em princípios do séc. XIX, já com o Iluminismo em plena afirmação, Deus decidiu ser indispensável refundar a Igreja de Cristo. Jesus chamou, como sempre aconteceu através dos tempos, um novo profeta, Joseph Smith, Jr., a quem atribuiu esse desiderato, sob Sua directa orientação. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi fundada a 6 de Abril 1830, numa pequena localidade (Palmyra, actualmente Wayne) no Estado de Nova Iorque. Os Estados Unidos da América foram escolhidos para esse efeito por serem, ao tempo, onde no hemisfério ocidental imperava liberdade religiosa.

Visão do Mundo: Tal como profetizado por Daniel (Antigo Testamento), o retorno (ou Segunda Vinda) de Jesus Cristo só se consumará quando a palavra de Deus tiver chegado a todas as nações, línguas e povos. Actualmente, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias está implantada em muitos países, com exclusão daqueles onde a religião oficial ou decisão das autoridades nacionais não permita a evangelização cristã.

Visão da Humanidade: Todos os viventes – sem qualquer excepção (passado, presente e futuro; estimados em cerca de 70 mil milhões) – são filhos espirituais de Deus. As diferenças patentes, designadamente decorrentes de raça e distintos padrões de desenvolvimento, serão anuladas após a ressurreição. Em Juízo Final, cada ser humano será julgado pelo seu comportamento face às leis por que se regeu na mortalidade – o que, automaticamente, exclui a «porta única» de acesso à salvação eterna.

Distribuição Geográfica: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias conta actualmente com mais de 15 milhões de membros. A evangelização é feita sobretudo por missionários de tempo integral, ou seja, jovens entre 18 e 25 anos, que servem missões de dois anos (os do sexo masculino) ou ano e meio (sexo feminino). A quantidade de missionários de tempo integral cifrava-se em 83 mil em 2013. Acrescem os «missionários de serviço de A Igreja», como sejam casais já em condição etária para prestar serviço, evangélico e solidário, em áreas de elevada carência económica e social, cujo quantitativo ascende a 24 mil (estatística de 2013).

Locais Sagrados: Os lugares sagrados, por excelência, de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são só Templos. A nível mundial, estão actualmente em funcionamento 144 Templos (dos quais 3 em reabilitação), distribuídos por cerca de 4 dezenas de países. Nos Templos são administradas ordenanças como batismo vicário (por pessoas falecidas), o «selamento» entre marido e mulher (casamento eterno) e dos filhos a pais (constituição de famílias eternas). No entanto, onde quer que se realize um ato sagrado, como a bênção e distribuição do sacramento (Eucaristia, para a tradição católica), será considerado local sagrado enquanto decorrer esse ato. A oração é também um ato (pessoal) de índole sagrada.

Textos Sagrados: As chamadas «obras de padrão» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias são a Bíblia Sagrada (Antigo e Novo Testamento), o Livro do Mórmon («Outro Testamento de Jesus Cristo», ou seja, um registo sagrado de povos da América antiga, originalmente gravado em lâminas de metal, que foi elaborado ao longo do milénio, a partir do início do séc. VI AEC), Doutrina e Convénios (uma coletânea, de origem moderna, de «revelações

divinas e declarações inspiradas, dadas para o estabelecimento do reino de Deus na Terra nos últimos dias», cobrindo o período de Novembro 1831 a Setembro 1978) e Pérola de Grande Valor («coletânea das revelações, traduções e relatos de Joseph Smith, primeiro Profeta, vidente e revelador de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias»). Cabe ainda citar as Regras de Fé d'A Igreja, das quais, elucidativamente, a 11ª (de 13) afirma o seguinte: «Pretendemos o privilégio de adorar a Deus Todo-Poderoso de acordo com os ditames de nossa própria consciência; e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde ou o que desejarem.»

Datas Sagradas: Nenhum Mórmon está interdito de participar nas festividades religiosas de outras tradições, no entanto, há datas especiais exclusivas da comunidade Mórmon: o 24 de julho (dia em que findou o êxodo Mórmon em Great Salt Lake a 1847); o 13 de maio (dia em que se restaurou o Sacerdócio em 1829); o 6 de abril (dia da Fundação da Igreja Mórmon a 1830) e o dia 23 de dezembro (dia do aniversário de Joseph Smith, nascido a 1805).

Símbolos: O Anjo Moroni (como coautor do Livro dos Mórmons e revelador da localização das placas douradas) é frequentemente associado à representação d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos.

Interditos: segundo a Secção 89, versículos 1-9, na Palavra de Sabedoria (integrada no livro de Doutrinas e Convénios escrito por Joseph Smith, em 1833) Deus proíbe o uso de vinho, bebidas fortes, tabaco e bebidas quentes (esta última frequentemente interpretada como a proibição de bebidas de café e chá) enquanto consumos prejudiciais à saúde.

Em Portugal: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias entrou em Portugal em 1975. Conta com mais de 41 mil membros (dados de 2013), organizados em todo o território continental e Regiões Autónomas, em 68 Congregações (Alas e Ramos). Prevê-se que o Templo de Lisboa abra as portas antes do fim da presente década.

(Henrique Machado Jorge e Mariana Vital)



ANTROPOSOFIA

A palavra Antroposofia vem do grego: antropos = homem, e sophia = sabedoria. É uma filosofia de vida que pretende reunir os pensamentos científico, artístico e espiritual numa unidade que responda às questões mais profundas do homem moderno sobre si mesmo e sobre as suas relações com o universo. Nos seus estudos compreende várias manifestações criativas: música, pintura, arquitetura, psicologia, filosofia, pedagogia, etc. Segundo os seus estatutos, a Sociedade Antroposófica, é “uma associação de pessoas que pretende nutrir a vida da alma, tanto no indivíduo como na sociedade humana, com base num verdadeiro conhecimento do mundo espiritual.” A Sociedade Antroposófica é pública, sem agenda política ou filiação religiosa. A sua actividade é visível através das sociedades nacionais independentes e iniciativas em todo o mundo, através dos seus membros de todas as culturas e continentes. O objetivo da Sociedade Antroposófica e da sua da Escola de Ciência Espiritual é o de contribuir com uma base espiritual para a vida da humanidade. “A Sociedade Antroposófica é uma sociedade inteiramente pública. Qualquer pessoa pode tornar-se membro independentemente da origem étnica ou nacional, posição social, religião, convicção científica ou artística.

Contexto de Origem: Em 1907 decorreu em Munique o primeiro Congresso Alemão da Sociedade Teosófica, presidido por Rudolf Steiner, que proferiu uma conferência sobre a Iniciação dos Rosacruzes. Assim começava o novo impulso Rosacruz para o Século XX e um novo movimento, que viria a adotar a designação de Antroposofia. A Antroposofia é indissociável do legado filosófico, científico e artístico de Rudolf Steiner (1861-1925). Austríaco, formado em Engenharia e doutorado em Filosofia, na Universidade de Rostock, na Alemanha, Steiner foi um dos primeiros organizadores e editores do espólio de Goethe, em Weimar. A sua obra fundamental é a A Filosofia da Liberdade, onde estabelece os primeiros fundamentos de uma “ciência espiritual” que se irá desenvolver como possibilidade de renovação de todas as áreas da vida humana. Em Berlim, onde foi editor de uma revista literária e professor de Filosofia, ingressou no movimento teosófico criado por Helena Blavatsky. Na Sociedade Teosófica, tornou-se Secretário-Geral da secção alemã. Porém, diferenças de visão determinam a separação em 1913 de uma grande parte da secção alemã da Sociedade Teosófica e a fundação da Sociedade Antroposófica. Daí em diante, o movimento antroposófico cresceu. Sob o símbolo da Cruz Negra com rosas, Steiner constrói em Dornach, na Suíça, um edifício de madeira denominado Goetheanum, durante a 1ª. guerra mundial. Em 1919, Steiner é convidado pelo director da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria em Stuttgart, Alemanha, a organizar uma escola baseada na cosmovisão antroposófica do ser humano. Esta escola tornou-se o germen do movimento mundial da Pedagogia Waldorf, actualmente com cerca de um milhar de escolas e institutos em todo o mundo. Nesse mesmo ano de 1919, Steiner, reconhecendo que a 1ª. Guerra mundial tinha sido fruto de concepções sociais absolutamente incoerentes em relação à estrutura e constituição do homem moderno, escreveu o livro Os Pontos Centrais da Questão Social e deu dezenas de palestras sobre uma nova forma de organização social, que denominou “A Trimembração do Organismo Social”, aplicada hoje em dia na organização de empresas e usada como base para o que veio a chamar-se de Pedagogia Social ou no movimento de renovação económica actualmente conhecido como “Economia Associativa”. Em 1921 é criada a primeira clínica antroposófica, onde se desenvolveu o início da terapia artística antroposófica (aplicada sob forma de pintura, modelagem, arte da fala, musicoterapia, euritmia curativa, massagem rítmica). O movimento médico-terapêutico antroposófico é também amplamente difundido em praticamente todos os países do mundo. Em paralelo com a Medicina, houve também o desenvolvimento da farmacêutica antroposófica, produzida principalmente por dois laboratórios, a Weleda e a Wala, também de repercussão mundial.

Em 1924, Steiner lança em conjunto com um grupo de agricultores, os fundamentos para a criação do movimento da Agricultura Biodinâmica – uma forma de agricultura biológica, que leva em conta os ritmos cósmicos (solares e lunares), e a interação entre plantas, animais e o ser humano.

O primeiro Goetheanum foi destruído criminosamente num incêndio na passagem do ano de 1922-23. Steiner desenvolve os desenhos e os planos para um novo Goetheanum, em betão, estabelecendo as bases para a arquitetura antroposófica. Nela, as edificações são tratadas como obras de arte funcionais, procurando integrar-se nas características do meio ambiente. As construções que usam a arquitetura antroposófica são reconhecíveis pela quase ausência de ângulos retos, exceto no contato com o solo.

Visão do Mundo: Segundo a Antroposofia, o universo não é constituído apenas por matéria e energia física, mas também por um mundo espiritual estruturado de maneira complexa em vários níveis. Por exemplo, a Antroposofia diz que os seres humanos têm um nível de “substância” espiritual, não-física, mais complexa do que a das plantas e dos

animais, e também descreve seres puramente espirituais, sem expressão física, e que atuam em diferentes níveis de espiritualidade. Entende que alguns desses seres estão em níveis acima dos níveis da constituição humana, mas ainda assim são compreensíveis por meio de uma observação direta “supra-sensorial”. Nesse sentido, para a Antroposofia a substância física é uma condensação da “substância” espiritual, não-física. A título de exemplo, para a Antroposofia, aquilo que dá vida a um ser vivo está oculto; ou seja, a sua manifestação é perceptível (através do próprio ser), mas a “força” que é a essência da vida não é perceptível aos nossos sentidos físicos. Mas a Antroposofia preconiza que esse “oculto” pode ser investigado com a mesma clareza com que se investigam os fenômenos físicos, ainda que essa investigação seja realizada com outros métodos e com outros órgãos de percepção, que também são “ocultos”. Desse modo, através da investigação, a Antroposofia pensa poder concluir-se que o universo não é constituído apenas de matéria e energia física, mas de um mundo espiritual estruturado de maneira complexa em vários níveis.

Visão da Humanidade: A Antroposofia afirma que quatro características humanas devem ser preservadas e desenvolvidas de forma radical: o desenvolvimento da consciência, da autoconsciência, da individualidade e da liberdade. Considera necessário que se desenvolvam individualmente órgãos de percepção que estão latentes em todos os seres humanos. Por exemplo, o que se chama intuição, para a Antroposofia já é uma percepção espiritual, ainda que não consciente e sem autocontrole. Para o desenvolvimento consciente dessa capacidade, indica exercícios de meditação individual baseados na atividade do pensamento consciente, que deve conservar a sua clareza, ser totalmente controlado e desenvolvido de modo a não depender de conceitos e imagens provenientes do mundo físico. A partir da sua pesquisa, a Antroposofia compreende o ser humano atual como o resultado de uma continuidade histórica, consequência de uma linha de acontecimentos espirituais e físicos desde os primórdios do universo. Nesse contexto, a Antroposofia apresenta indicações de como ampliar a pesquisa científica e torná-la mais humana, mais coerente com a natureza, apresentando-se como uma evolução do método científico estabelecido por Goethe. Por fim, a Antroposofia recomenda um desenvolvimento moral que deve ser feito individualmente, fundamentado no conhecimento da essência do ser humano e do universo.

Assim, a missão do ser humano atual deverá ser o desenvolvimento moral baseado no amor altruísta, e essas atitudes morais devem preservar a liberdade individual, ou seja, não devem ser baseadas em imposições exteriores, mandamentos, dogmas ou leis, mas sim num irradiar do amor e do conhecimento individuais em plena liberdade.

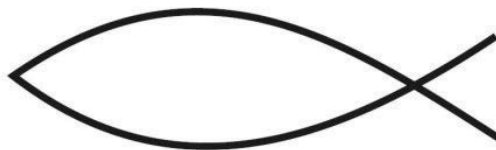
Distribuição geográfica: A Antroposofia está representada por milhares de membros em quase todos os países do Mundo, com especial incidência no mundo ocidental – Europa, América e América Latina.

Datas sagradas, Textos sagrados, Locais sagrados e símbolos: Não tendo propriamente um lugar sagrado, A Sociedade Antroposófica tem como ponto central a sua sede mundial, o Goetheanum, um teatro sustentado por sete colunas, simbolizando os sete planetas clássicos. Inicialmente, a Antroposofia encontrava-se sob o símbolo da cruz negra coroada de rosas para designar a vivificação da sua herança rosacruz. Enquanto textos, além dos deixados por Rudolf Steiner, dos seus trabalhos escritos e conferências, a Antroposofia considera como fontes sapienciais os textos fundadores de todas as religiões e mitos da humanidade. Porém, dirige uma atenção especial aos textos e documentos cristãos, canônicos e apócrifos, considerando como fundamentais para a época atual.

Interditos: Liberdade e responsabilidade são pedras fundamentais no movimento antroposófico.

Em Portugal: Com atividade ininterrupta em Portugal desde os anos 20 do século passado, a Antroposofia tem atualmente uma atividade intensa em todo o País. Conta além dos seus círculos de estudos, várias escolas e jardins de infância Waldorf na zona da grande Lisboa, Algarve e Centro. Estão também ligadas à antroposofia uma associação de agricultura biodinâmica, uma Associação de Medicina Antroposófica, medicamentos farmacêuticos das marcas Weleda e Wala, sementes e produtos para produção agrícola da marca Deméter. No norte de Portugal são inúmeras as produções que optam pela agricultura biodinâmica, alguns dos quais com produtos premiados. Algumas iniciativas como a associação Harpa – Recriar para Aprender, abrem anualmente turmas nos cursos dirigidos a professores, sobre Pedagogia Waldorf.

(Rui Lomelino de Freitas e Mariana Vital)



CRISTIANISMO EVANGÉLICO

A presente designação é usada, habitualmente, para se referir às diferentes Igrejas Evangélicas que se enquadram no movimento do Evangelicalismo, que por sua vez continua a Reforma Protestante.

Contexto de Origem: As Igrejas Evangélicas, podem ser independentes ou estar ligadas a diferentes denominações. A maioria destas igrejas tiveram a sua origem nas igrejas protestantes ou reformadas, ou ainda foram iniciadas por ministros que saíram dessas denominações históricas. A maioria saiu por várias razões: umas porque eram contra o batismo infantil, outras contra o batismo por aspersão, outras por não aceitarem o vínculo da Igreja com o Estado, quando a maioria dos evangélicos acreditavam na separação dos poderes políticos, dos religiosos, ainda há outras que, por não estarem de acordo com a liturgia, ou até por não se reverem em alguns aspetos teológicos ou doutrinas. No meio destas igrejas também encontramos vários sistemas de governo eclesial, desde o congregacional, o presbiteriano, o episcopal ou ainda a mistura de vários tipos de governos já mencionados. A maioria destas denominações começaram a surgir entre finais do séc. XVIII até princípios do séc. XX. Os fundadores são vários, não há uma só cabeça, assim como os locais geográficos que vão inicialmente desde Inglaterra, Holanda, Alemanha e até aos Estados Unidos, e outras que surgiram em outros países.

Visão do Mundo: A visão que têm do mundo de uma maneira geral, é que o mesmo está a caminhar para o caos e necessita de ouvir as boas notícias ou seja, “O Evangelho” de Jesus Cristo.

Visão da Humanidade: O homem sem Deus está perdido, o pecado separa o homem de Deus e Jesus veio reconciliar o homem com Deus.

Distribuição Geográfica: Encontram-se praticamente em todos os países do mundo, apesar de em alguns países haver uma grande perseguição contra todos os que se digam cristãos.

Locais Sagrados: Não existem lugares sagrados ou venerados.

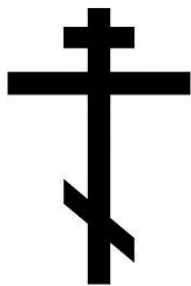
Textos Sagrados: A Bíblia (66 livros, o Antigo [39] e o Novo Testamento [27]), é a regra de fé e de conduta para a maioria e foi inspirada por Deus. Muitos celebram o Natal, a Páscoa, o Pentecostes.

Símbolos: Uns usam a cruz vazia, outros símbolos como o Alfa e o Ómega, outros quadros com versículos Bíblicos, e outros o símbolo de um peixe, etc.

Interditos: Não existem interditos no sentido de sincretismo, mas o fiel é aconselhado a guardar o seu corpo visto o mesmo ser “templo do Espírito Santo” e não o deve estragar com vícios ou coisas que o prejudiquem.

Em Portugal: Estão presentes em todo o território nacional, estando a maioria no Porto e em Lisboa e nas grandes cidades do litoral. No país representam cerca de 5% da população portuguesa. Estando a maioria dessas igrejas afiliadas na Aliança Evangélica Portuguesa, organismo fundado em 1921 e reconhecido em 1935. “A AEP congrega e representa a quase totalidade da comunidade evangélica, com um número de fiéis diretamente envolvidos nas igrejas da ordem dos 250 000, exerce a sua influência num universo de 500 000 pessoas, tem cerca de 1 500 locais de culto espalhados por todo o Continente e Ilhas, possui cerca de 900 ministros de culto e outros líderes, conta com cerca de 2 000 quadros superiores, sócio-profissionais e empresários, possui 12 escolas de ensino teológico, conta com mais de 63 instituições de ação social, tem 306 turmas a funcionar em 241 escolas públicas da disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica, abrangendo um universo de 2 000 alunos, tem dois programas televisivos, sendo um bissemanal, no canal 2 da RTP, “A Luz das Nações” e o outro, “Caminhos”, transmitido ao 3º domingo de cada mês e exerce muitas outras actividades ligadas à promoção da fé cristã evangélica, e saúde espiritual dos portugueses e à valorização da vida humana”.

(Paulo Branco)



CRISTIANISMO ORIENTAL/ORTODOXO

A presente designação é usada, habitualmente, para se referir a Igreja Ortodoxa nas suas diversificadas tradições, originalmente implantadas nos territórios sob jurisdição eclesiástica dos quatro Patriarcados apostólicos históricos – Jerusalém, Antioquia, Constantinopla e Alexandria. O vocábulo Ortodoxia advém do grego, e significa “doutrina correta”.

Contexto da Origem: O surgimento do Cristianismo Oriental e do Cristianismo Ocidental foi particularmente determinado pela divisão do Império Romano, após a morte do imperador Teodósio, em 395. A solidez económica de Constantinopla (sede patriarcal e imperial [desde 330]) haveria de se mostrar contrastante com a crescente debilidade da parte ocidental, causada por más políticas de governação e agravada pelo esforço de guerra que as suas fronteiras exigiam, pelas frequentes incursões dos bárbaros do Norte, que em 410 chegaram a saquear Roma e, a pouco e pouco, se foram apoderando dos seus domínios que culminaram com a deposição de Rómulo, último imperador do Ocidente, em 476. A partir de então, com a única sede do Império em Constantinopla, acentuaram-se as divergências, entre os dois pólos religiosos como reflexo da cisão política, mas também por antinomias de ordem cultural e linguística dos seus povos. Daqui adviriam, em vários momentos históricos, posturas de agastamento e afrontamento mútuo que culminaram a grande cisão de 1054. Ainda que, ao longo de séculos, tenham havido algumas tentativas de reconciliação (Concílio de Lyon, em 1274; Concílio de florença, em 1439), a tensão e o restabelecimento de relações, só foi concretizado, em 1964, com o pedido histórico de perdão e abraço do papa Paulo VI ao patriarca Atenágoras, em Jerusalém. Com a conversão de Constantino, em 312, e legalização do Cristianismo, em 313, com a consequente pacificação social, a Igreja deu início a uma série de Concílios que tiveram a tarefa de formular os dogmas fundamentais do Cristianismo. E foi em atmosfera conciliar que surgiram os primeiros embates de dissonância teológica e disciplinar e também as primeiras cisões. Em Niceia (325) e Constantinopla (381), foram definidos os dogmas sobre a natureza e relação das Pessoas divinas da Trindade e foi criado o Credo/Símbolo da Fé, mas em Éfeso (431), a doutrina sobre a maternidade divina de Maria, haveria de se mostrar fraturante, culminando na condenação dos ensinamentos do bispo Nestório e, vinte anos depois, em Calcedónia (451), no afastamento dos Nestorianos da comunhão eclesiástica, assim como daqueles que recusavam a formulação sobre a essência(s)/natureza(s) da pessoa de Jesus Cristo e que ficaram conhecidos por Não-Calcedonianos. A partir de então, os Nestorianos e Não-Calcedonianos afastaram-se para oriente, organizando as suas estruturas clericais e ritos litúrgicos de forma autónoma e dando origem a outras tradições que, no século VII, se espalharam pela Ásia, e, alguns grupos dissidentes, que se pensa serem dessa origem, são referenciados, sob as denominações de: Igreja Assíria do Oriente (autoproclamada herdeira de S. Tomé, só aceita os dois primeiros Concílios) e Igrejas Orientais (Não-Calcedonianos, que só aceitam os três primeiros Concílios). Da comunhão oriental divergiram, em particulares momentos da história, algumas outras Igrejas que se autonomizaram organicamente, mas que conservam os ritos litúrgicos de características orientais e algumas sintonias teológicas, podendo mesmo ser identificadas proximidades com as Igrejas Assírias ou Não-Calcedonianas. Algumas delas chegaram a passar para a jurisdição do Patriarcado romano. É o caso das Igrejas orientais católicas que, nas suas celebrações litúrgicas, usam várias línguas (modernas e antigas), conforme a sua localização geográfica e tradição cultural: as de Rito Bizantino, usam o grego, o eslavo, o árabe, o ruteno, o georgiano; as de Rito Antioquiano e Caldeu, o siríaco ou o aramaico e o árabe; as de Rito Arménio, o arménio; as de Rito Alexandrino, o copta e o ge'ez. A maioria das Igrejas orientais viveu a provação histórica pelas mais variadas circunstâncias de ordem política por que passaram as suas comunidades. A partir do século VII, os Patriarcados da Ásia Menor, Médio Oriente e Egito sofreram a invasão árabe islâmica que lhes provocou muitas mudanças de ordem institucional e organizativa. Pelo menos Antioquia e Alexandria perderam todo o seu fulgor dos inícios, ficando à beira da extinção. Apesar de algumas episódicas restaurações, no tempo das Cruzadas, como aconteceu com Antioquia retomada em 1154, tudo voltaria ao domínio muçulmano tempo depois. Constantinopla ainda resistiu por mais sete séculos, mas haveria de sucumbir ao avanço dos turcos otomanos, em 1453. Depois da tomada de Constantinopla, a Ortodoxia irá virar uma nova página da sua longa história, com o avanço dos seus missionários para o Norte, para os países eslavos. Aparecerão, então, novos Patriarcados (de jurisdição ou não dos Patriarcados Apostólicos ou autocéfalos), na Bulgária (Sófia), na Roménia (Bucareste), na Ucrânia (Kiev), na Rússia (Moscou), tendo alguns deles tentado retomar a perdida hegemonia de Constantinopla, como foi o caso de Kiev que, depois, perderá essa prominência para Moscovo.

Visão do Mundo e da Humanidade: As perspetivas teológicas sobre a realidade do mundo e dos fins do homem são comuns a todas as tradições cristãs, sendo assumidas a partir da interpretação das Escrituras – a Bíblia. A criação do

mundo e das criaturas aconteceu por Bondade do Criador que tudo dispôs para usufruto da obra-prima da criação – o Homem e a Mulher. O casal primevo, dotado de discernimento e do livre arbítrio, sucumbiu à tentação de se tornar igual ao seu Criador, pecando. O castigo imposto por Deus, pelo orgulho humano e pela infidelidade condenou o Homem à servidão e à morte. No tempo oportuno, Deus, na sua misericórdia, estabeleceu uma Aliança com esse Homem, encarnado a sua condição a de o resgatar.

Distribuição Geográfica: Ainda que na sua génese, as culturas e geografias tenham caracterizado as formas de manifestação e organização comunitária de cada Igreja, chegando mesmo a constituir-se como marcas identitárias das suas origens, atualmente, esses fatores apenas ajudam à identificação das diversas e remotas proveniências, pois quase todas as Igrejas cristãs, inclusive as que se reveem na denominação de Orientais, estão disseminadas por todo o Planeta, e algumas delas, inclusive, têm as suas sedes em países bem a ocidente, como os Estados Unidos da América ou a Austrália.

Locais Sagrados: Os Locais Sagrados dos cristãos orientais são, na sua maioria, os mesmos de todos os outros cristãos: os lugares da Terra Santa, as Sés episcopais históricas, os túmulos dos mártires da Igreja Universal (sobretudo Roma).

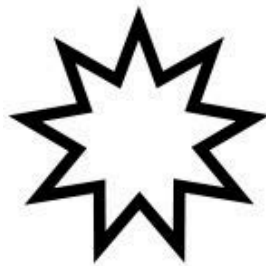
Textos Sagrados: Os Textos Sagrados estão reunidos na Bíblia, cujo cânone é o mesmo para quase todas as tradições. Para além da Bíblia, são considerados muito edificantes alguns escritos dos primeiros Padres e vidas dos Santos que as comunidades veneram, reunidos na denominada Filocalia. Para lá dos textos escritos, há também na Ortodoxia, muitos outros textos, imagéticos: os ícones. Eles são os livros abertos que nos fazem pensar em Deus (cf. Leôncio de Neopólís, escritor cristão do séc. VII).

Datas Sagradas: As Datas Sagradas são as datas festivas da liturgia - as Solenidades do Senhor, da Virgem Maria e dos Santos padroeiros, e as Memórias de todos os Santos do Calendário litúrgico – com relevo particular para a Páscoa, cuja data condiciona todas as festas móveis, o Natal e todos os períodos quaresmais de preparação para as grandes festas ou tempo litúrgicos do Advento e da Quaresma. As várias tradições seguem um dos calendários julianos cuja diferença é de 13 dias.

Interditos: Não é permitida a cremação do corpo pois este é considerado o templo do Espírito Santo (salvo raras exceções).

Em Portugal: A Ortodoxia encontra-se representada no território nacional, através das seguintes jurisdições canónicas: Bulgária (Lisboa), Roménia (Faro e Lisboa), Rússia (Açores, Aveiro, Braga, Cascais, Coimbra, Elvas, Évora, Faro, Lagos, Lisboa, Madeira, Portimão, Porto, Setúbal), Constantinopla (Algarve, Aveiro, Mafra, Porto). E, desde 2006, oficialmente, a Igreja Católica Ortodoxa e Portugal, em conversações para estabelecer ligação jurisdicional à Igreja Ortodoxa Grega na Diáspora (Brasil).

(Rui da Costa Oliveira)



FÉ BAHÁ'Í

Nome: A Fé Bahá'í deriva do árabe Bahá' (بهاء), que significa “glória” ou “esplendor”)

Origem: A Fé Bahá'í teve origem na Pérsia (Irão) e o seu fundador foi Bahá'u'lláh (Bahá', Glória de Deus). Segundo Bahá'u'lláh, a humanidade é uma única raça e chegou o dia da sua unificação numa sociedade global. Esta mensagem reflete a seguinte premissa Bahá'í: “A Terra é um só País e a Humanidade os seus Cidadãos”.

Visão do Mundo: Segundo a visão Bahá'í, a terra é o reflexo do Reino Divino; o mundo material corresponde ao espiritual. Assim, o sinal da unidade é visível, evidente, em todas as coisas, e sendo Deus infinito, também os mundos divinos são infinitos, pois se culminassem no mundo material, a criação seria fútil.

Visão da Humanidade: A unidade do género humano tal como Bahá'u'lláh anteviu, compreende o estabelecimento de uma comunidade mundial em que as nações, raças, crenças e classes estejam estreita e permanentemente unidas, e em que a autonomia dos seus estados membros, a liberdade e a iniciativa pessoal dos seus membros individuais, sejam garantidas de um modo definitivo e completo. O objetivo da existência humana é fundamentalmente espiritual: desenvolver o nosso potencial espiritual e intelectual para conhecer e adorar Deus, e assim contribuir para uma civilização em contínuo progresso. A humanidade é considerada essencialmente uma, embora diversificada.

Distribuição Geográfica: A Fé Bahá'í está estabelecida em mais de 100 000 localidades, de todos os países e territórios do mundo, com mais de 5 milhões de seguidores.

Locais Sagrados: O Centro Mundial Bahá'í situa-se no Monte Carmelo, em Haifa, Israel, onde se encontra o Túmulo do Báb (fundador da Fé Bábí, precursora da Fé Bahá'í) e, a cerca de 30 km, em Bahjí, está o Túmulo de Bahá'u'lláh. Estes são os dois lugares mais sagrados para o bahá'ís.

Textos Sagrados: Os livros mais sagrados da Fé Bahá'í são o Kitab-i-Aqdas (o Livro Sacratíssimo) – o principal repositório das leis e instituições que Bahá'u'lláh prescreveu para uma futura civilização mundial, e o Kitab-i-Iqán (O Livro da Certeza) – uma das principais obras teológicas de Bahá'u'lláh, que apresenta o objetivo da revelação divina na história da Humanidade. Além destes livros, existem muitos outros livros e epístolas de Bahá'u'lláh abordando diversos temas e definindo leis e princípios de consulta pessoal e organização social; outras escrituras abordam temas místicos como o progresso da alma e a sua caminhada em direção a Deus. Os textos revelados pelo Báb e por 'Abdu'l-Bahá (filho de Bahá'u'lláh) são também considerados Escrituras Sagradas da Fé Bahá'í. Além disso, a Bíblia, o Alcorão, e os textos sagrados de outras religiões mundiais, são reconhecidos na Fé Bahá'í.

Dias Sagrados: Naw-Rúz (Ano Novo Bahá'í), 21 de março; Primeiro dia do Ridván, 21 de abril; Nono dia do Ridván, 29 de abril; Décimo segundo dia do Ridván, 2 de maio; Declaração do Báb, 23 de maio; Ascensão de Bahá'u'lláh, 29 de maio; Martírio do Báb, 9 de julho; Aniversário do Báb – celebrado no primeiro dia seguinte à oitava lua nova após o Naw-Rúz; Aniversário de Bahá'u'lláh – celebrado no segundo dia seguinte à oitava lua nova após o Naw-Rúz.

Símbolos: O símbolo Bahá'í mais comum é a Estrela de Nove Pontas. A razão principal é que a palavra árabe Bahá' (“esplendor” ou “glória”) tem o valor numérico 9.

Interditos: Doutrinas de racismo, nacionalismo, castas, e classes sociais

Em Portugal: Os primeiros atos de divulgação da Fé Bahá'í em Portugal tiveram lugar em 1926, com a visita de duas bahá'ís americanas, Martha Root e Florence Shopfletcher. A sua Sede Nacional situa-se na Rua Cidade de Nova Lisboa, 17, 1800-107 Lisboa

(Mariana Vital)



FRANCO-MAÇONARIA

A Franco-Maçonaria é uma sociedade internacional iniciática, iluminista e humanista, de cariz filosófico e filantrópico, que admite homens e mulheres, sem discriminação religiosa ou étnica. Os seus membros comprometem-se a uma disposição ética e humanitária e à colaboração mútua com o princípio de Perfeição. O nome “maçonaria” provém do francês *maçonnerie*, que significa “construção”, “alvenaria”, “pedreira”. A sua utilização inicial pode, no entanto, encontrar-se no termo *maçom* (ou *mação*), que quer dizer ‘pedreiro’, ou ‘cortador de pedra’.

Contexto de Origem: A Maçonaria tem a sua origem histórica em 1717. Filosoficamente situa-se na convergência de influências designada como Teosofia do século XVII (distinta do movimento esotérico homónimo do século XIX). Nos seus ritos e símbolos estão presentes elementos do pensamento religioso e esotérico ocidental – mais concretamente provenientes do hermetismo, do neoplatonismo, do cristianismo gnóstico, da teosofia cristã, da cabala, da alquimia, do movimento rosacruz. Autores como Léon Meurin, afirmam que uma parte considerável da estrutura e mensagem simbólica maçónica encontra a sua origem ancestral entre os maniqueus e o maniqueísmo. A estrutura filosófica maçónica está contida no discurso simbólico e nos símbolos, na composição das narrativas mitológicas e na organização conceptual. A referência directa a uma Gnose através dos tempos, está presente também, explicitamente na obra filosófica de reconhecidos maçons criadores dos ritos, como no do livro do cavaleiro Ramsay, «Os Princípios Filosóficos da Religião Natural e Revelada: explicados numa ordem geométrica».

Em Inglaterra a partir do século XVIII, a Maçonaria começou a ser conhecida como “Maçonaria Especulativa”. Corresponde a esta fase, a adaptação de moldes de organização dos maçons operativos (pedreiros e arquitectos, construtores), juntamente com ingredientes fundamentais como o pensamento iluminista, a posterior ruptura da Igreja Romana e a reconstrução física da cidade de Londres (berço da maçonaria regular). A Maçonaria faz recuar a sua origem simbólica ao “princípio dos tempos”, a Adão, ou mesmo antes, dado que tem a sua origem na “Luz”. Mas do ponto de vista histórico é provável que a sua origem possa ser encontrada na Maçonaria Operativa, medieval, às associações, ou guildas, dos construtores, frequentemente ocupados com a construção de templos.

Há quem procure nas primeiras civilizações a origem iniciática maçónica. Ritos como o de Memphis e Mizraim, fazem ascender a sua origem ao antigo Egipto, aos ritos sacerdotais dos hierofantes. O mito maçónico faz remontar a sua origem à Construção do Templo de Salomão, e concretamente à lenda de Hiram Habfif.

Visão do Mundo: Na medida em que o homem reconstrói em si mesmo o “Templo” do seu ser, pode reconstruir no universo social, “O Templo” e a “Ordem”, a partir da descoberta da “Palavra”. A “Palavra” designa uma gnosis, um conhecimento de experiência interior e simultaneamente uma capacidade transformadora do mundo, realizada a partir de um trabalho individual de autoconhecimento e auto-aperfeiçoamento. Nesse sentido a Maçonaria foi e pretende ser, um agente activo no mundo dinamizador dos princípios da liberdade, democracia e igualdade, aperfeiçoamento intelectual e a fraternidade para todos os homens e mulheres do planeta.

Visão da Humanidade: A Maçonaria considera que o progresso da humanidade assenta, como base, nos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, entre todos os seres humanos. Estes princípios aplicam-se tanto ao indivíduo como ao todo social. A sua inspiração decorre da aplicação dos arquétipos de Sabedoria, Força e Beleza e aceita a existência de um princípio superior, simbolizado pelo “Grande Arquitecto do Universo” (G.A.D.U.), que não tem definição e que cada um interpreta segundo a sua sensibilidade ou convicção.

Distribuição geográfica: Os Maçons estruturam-se em células autónomas, “todas iguais em direitos e honras, e independentes entre si”, e reúnem-se nas designadas oficinas ou lojas. Encontram-se em quase todos os países do Mundo, com especial incidência no mundo ocidental – Europa, América – e América Latina. Estimava-se em, em 2005, existissem entre dois a quatro milhões de mações no Mundo. Em Portugal estima-se que existam três milhares.

Datas sagradas, Textos sagrados, Locais sagrados e símbolos: Tradicionalmente, os trabalhos maçónicos realizam-se no Templo Maçónico, com a Bíblia aberta, concretamente no início do Evangelho de João. No entanto, dada a sua universalidade este Livro, em muitos países é substituído pela Thorah, pelo Alcorão, ou outro livro sagrado, ou simplesmente, pelas constituições. O dia 24 de Junho, é uma data com significado especial, quer por ser considerado o dia da “fundação” da Maçonaria moderna (a 24 de junho de 1717), quer por ser o dia amplamente celebrado nos países cristãos como sendo o Dia de S. João (Baptista), simbolicamente o precursor de Cristo. Entre os vários símbolos

maçônicos, o do triângulo, ou delta, com o olho, é indiscutivelmente o mais conhecido. Herdado da tradição cristã, simboliza quer o princípio absoluto, transcendente, quer o princípio superior imanente em cada ser humano, que pode ser tornado manifesto como “arte real”, ao longo da vida.

Interditos: Sendo considerada uma agremiação de “homens livres e de bons costumes”, só podem ser membros aqueles que pelo seu comportamento sejam considerados

Em Portugal: Actualmente as principais Lojas e Obediências maçônicas em Portugal são:

- O GOL - Grande Oriente Lusitano (desde 1802)
- O Direito Humano, Ordem Maçónica Mista (desde 1923)
- A GLRP - Grande Loja Regular de Portugal (desde 1996)
- A Grande Loja Feminina de Portugal (desde 1997)

Outras lojas e obediências são: A GLNP - Grande Loja Nacional Portuguesa; A GLTP - Grande Loja Tradicional de Portugal; o GOI - Grande Oriente Ibérico; a GLSP - Grande Loja Simbólica de Portugal; a GLSL - Grande Loja Simbólica da Lusitânia; o GOMP - Grande Oriente Maçónico Portugal; o GOLFP - Grande Oriente Lusitano Federado - Regular/GOIF - Grande Oriente Ibérico Federado; GLUP - Grande Loja Unida de Portugal.

Operam também em Portugal: A GLSF - Grande Loge Symbolique de France; a GLSREP - Grande Loge Symbolique do Rite Ecossais Primitif; a GLTU - Grande Loja Tradicional Universal.

O início da Maçonaria em Portugal: Ainda não é consensual, mas o historiador Oliveira Marques sugere a data da fundação em Portugal em 1727 por comerciantes britânicos que viviam em Lisboa, uma loja que foi registada nos arquivos da Inquisição como a «Loja dos Hereges Mercantes». Uma segunda loja terá sido fundada, em 1733, por iniciativa de George Gordon. A loja adoptaria o nome de «Casa Real dos Pedreiros-Livres da Lusitânia». Em 1738, ao ser promulgada a bula condenatória de Clemente XII (In Eminenti Apostolatus Speculate), a loja viria a dissolver-se. Uma terceira loja haveria de ser fundada em Lisboa, em 1741, por John Coustos, suíço, naturalizado inglês. Coustos seria preso em 14 de Março de 1743 conjuntamente com outros maçons da sua loja e o seu processo no Santo Ofício, como dos Irmãos Mouton, Bruslé, Richard e Boulanger revela-se de grande interesse documental. Nesse ano, o governo real promulgou um decreto ilegalizando a maçonaria e punindo a adesão à organização com a pena de morte. Submetido a julgamento, em 1744, Coustos seria acusado de protestante e herético, de ter ofendido os católicos portugueses ao constituir uma loja maçónica em que era proclamada a heresia. Interpelado a fazer uma abjuração pública, não seria sentenciado à morte, mas condenado a cinco anos de trabalhos forçados nas galés. Ao mesmo tempo, assinaria uma declaração comprometendo-se a não revelar nada do que lhe havia acontecido, enquanto sob prisão da Inquisição. Conjuntamente com Coustos, seriam julgados em auto de fé 22 homens e 11 mulheres, tendo a ele assistido, segundo relata Borges Grainha, el-rei D. João V. Por intercepção da corôa britânica, Coustos seria libertado ainda em 1744, embarcando de imediato para Inglaterra.

Em 1751, o Papa Benedito XIV lançaria uma nova bula contra os maçons. A maçonaria portuguesa só se libertaria desta pressão na década de 1760-70, no governo do Marquês de Pombal, onde a Maçonaria não conhece qualquer tipo de constrangimento persecutório. Em 1763, haveria em Lisboa pelo menos uma loja, haveria uma Loja em Elvas, chefiada pelo Barão Von Rieppe e outra em Valença. Em 1768, seria fundada no Funchal uma loja constituída por franceses, ingleses e portugueses.

O visível desenvolvimento da maçonaria durante o governo do Marquês de Pombal coincide com a expulsão dos Jesuítas – considerados à época como os principais adversários da Maçonaria. Após a morte do Rei D. José, em 1777, e a deposição e exílio do Marquês de Pombal regressa a intolerância religiosa e política contra os franco-maçons. Vários vultos do pensamento português fogem para o estrangeiro, outros são presos pelo Santo Ofício e condenados em auto de fé. A acção persecutória contra a maçonaria desenvolve-se intensamente nos 25 anos seguintes sob a direcção de Pina Manique.

Em 1797, a actividade maçónica volta a renascer através da constituição de quatro lojas inglesas em Lisboa, três das quais estavam ligadas a regimentos e uma quarta reunia elementos civis e militares, tanto portugueses como ingleses. Esta última marcaria a autonomização da maçonaria portuguesa como loja nº1, como o nome «União». A chegada de exilados franceses e a sua influência junto da maçonaria portuguesa, predisporia a reorientação da maçonaria para uma orientação agnóstica e anti-tradicionalista do Grande Oriente de França.

Até 1804, foram criadas outras lojas. Em 1802 é formalmente constituído o Grande Oriente Lusitano. Os primeiros setenta anos da maçonaria portuguesa são marcados pela perseguição das actividades maçónicas, consideradas contrárias aos interesses da Igreja Católica e do Papado e das dinastias por direito divino europeias. O seu desenvolvimento tornou-se pleno durante a 1ª República, sendo depois novamente proibida e perseguida durante o Estado Novo. Com a Revolução de 25 de Abril de 1974 a Maçonaria voltaria à legalidade. Actualmente é consensualmente reconhecido o seu papel histórico na afirmação dos de solidariedade social e de liberdade democrática em Portugal.



IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Vulgarmente conhecida por: Adventista. O nome da Igreja, escolhido e votado em 1861, revela os seus dois traços doutrinários dentro do Cristianismo; Adventista remete para a espera da segunda vinda, universal e presencial, de Jesus Cristo; do Sétimo Dia pela observância do Sábado como dia de descanso e de adoração.

Contexto de Origem: As raízes históricas da Igreja procedem do movimento revivalista protestante, em especial nos países anglo-saxónicos, entre os finais do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Dentro desse movimento estacou-se o pregador batista leigo norte-americano William Miller, que, com base nos seus estudos dos livros bíblicos de Daniel e Apocalipse, iniciou um movimento interconfessional que anunciava o eminente regresso de Jesus Cristo à Terra, por volta dos anos 1843/1844. Após o desapontamento originado pelo não cumprimento dessa previsão, os seguidores milleritas dividiram-se em vários ramos, tendo um desses ramos chegado à conclusão que a cronologia de Miller estaria correta mas não o evento esperado. Esse ramo, composto pelos crentes a quem se convencionou chamar “Pioneiros Adventistas” (Joseph Bates, James e Ellen White, John Andrews) deu origem, por sua vez, à formação oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a 21 de maio de 1863, em Battle Creek, Estados Unidos da América.

Visão do Mundo: Os Adventistas creem que o Universo foi criado originalmente por Deus, sendo o Planeta Terra belo e perfeito, objeto do Seu amor e do Seu cuidado, e constituída a humanidade como cuidadora, protetora e gestora da Terra, com o mandato de manter o equilíbrio e a harmonia do seu ecossistema. Devido à desobediência aos princípios da Sua lei, que expressa o carácter divino, a humanidade passou de um estado de perfeição e da sua função original para uma circunstância de pecado e mortalidade, que afetou o equilíbrio e a harmonia da vida na Terra. Em resposta a esta condição, Deus pôs em movimento um plano de redenção da humanidade e do seu Planeta, que tem como centro a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, em lugar e em favor dos seres humanos, plano que será concluído com o regresso de Cristo à Terra e resgate da humanidade pela Sua graça.

Visão da Humanidade: Todos os seres humanos são criaturas formadas à imagem e semelhança de Deus, dotados de livre arbítrio e de capacidade moral. Deus concede aos seres humanos a liberdade de aceitar ou não os Seus princípios e o Seu projeto de vida, sendo que a ação divina na história do mundo e na existência individual é a de um apelo incessante para uma restauração plena da Sua imagem. Objeto do amor e do cuidado de Deus, cada ser humano tem uma dignidade intrínseca, pelo que o Cristão recebe o mandato de colaborar com Ele nessa reestruturação, através do interesse e da ação em prol do seu bem-estar pleno – físico, mental, social e espiritual – que se consubstancia na máxima “amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

Distribuição Geográfica: 18 milhões de crentes batizados; 25 milhões incluindo crianças e jovens. Presença em 209 países, com 71 048 igrejas e 65 553 grupos, agrupados em 13 divisões administrativas regionais que têm como cúpula uma Conferência Geral eleita quinquenalmente.

Textos Sagrados: A Bíblia, considerada como a única regra de fé e de prática. Os Adventistas consideram ainda um acervo literário de obras de comentário à Bíblia, que contém princípios, valores e recomendações que têm em linha de conta para a sua vida quotidiana, da autoria da sua cofundadora Ellen White. Consideram que são livros inspirados, subordinados à Bíblia.

Locais Sagrados e Datas Sagradas: Não existem locais sagrados nem datas sagradas. O Sábado, compreendido bíblicamente como o período de tempo entre o pôr-do-sol de Sexta-feira e o pôr do Sol de Sábado, é considerado tempo sagrado, dedicado ao descanso, à adoração e ao bem do próximo.

Símbolos: O elemento que mais definiria o símbolo do Adventista do Sétimo dia seria sempre a Palavra de Deus, e frequentemente o símbolo que é associado à instituição da Igreja Adventista do Sétimo é a logomarca que tem na base a Bíblia aberta acompanhada pela chama do Espírito Santo e a cruz que representa a salvação.

Interditos: Todos os comportamentos e práticas contrários aos Dez Mandamentos da Lei de Deus. Restrições alimentares segundo os preceitos do livro bíblico do Levítico.

Em Portugal: Presente em Portugal desde 1904, através da chegada do casal de missionários norte-americanos

Clarence Rentfro e Mary Haskell. É desde 2007 uma Igreja Radicada, membro de diversas comissões interconfessionais. Tem 116 Igrejas e Grupos, num total de 9 300 membros batizados e uma comunidade de 12 mil pessoas, incluindo crianças e jovens. Instituições: 5 estabelecimentos de ensino; 4 lares e centros de dia para pessoas idosas; 1 centro de produção multimédia; 4 publicações periódicas e outras ocasionais.

(Paulo Macedo)



IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

Tem origem no fundador – Jesus Cristo –, cujo nascimento inspirou a contagem do tempo no mundo ocidental.

Contexto de Origem: Pela tradição e pelos textos que sustentam o posterior seguimento de Jesus, este era judeu, da Palestina, nascido na cidade de Belém, na Judeia. Na vida pública e de pregação, Jesus foi aclamado como Messias – na tradição messiânica hebraica –, um descendente do rei David que devia restaurar o Reino ocupado de Israel. Mas foi rejeitado pelas lideranças judaicas sediadas no templo de Jerusalém, que promoveram a sua detenção e execução por ordem dos romanos, a força política e militar ocupante da Palestina, sob acusação de apostasia, de blasfemar contra as leis judaicas. A Igreja católica apostólica romana tem Pedro, evangelizador e mártir de Roma, como figura legitimadora. O apóstolo é considerado o edificador da Igreja (Mateus 16:18). A ordenação do clero faz-se numa apostolicidade que começa na comunhão com Pedro e permaneceu até hoje, dos diáconos aos bispos. Historiadores e teólogos defendem que Jesus não pretendia a criação de uma nova estrutura religiosa de poder, mas apenas concretizar o judaísmo, reinterpretando-o social e politicamente. Mas há também quem encontre nos textos fundacionais do cristianismo indícios de que Jesus teria uma visão mais estrutural para uma nova vivência de fé. Sobre a hierarquia e estrutura, a Igreja católica é instituída como sociedade governada pelo sucessor de Pedro – o Papa – e pelos bispos em união com ele, com missão sacerdotal, profética (de magistério) e pastoral, e recurso à disciplina eclesiástica. O Papa é o bispo de Roma, eleito em reunião de cardeais – Conclave – por voto secreto, reside no Vaticano e é considerado o representante – Vigário - de Cristo na terra. Como sucessor de Pedro, o Papa tem a suprema autoridade hierárquica da Igreja, goza de infalibilidade. A Igreja católica é regida pelo Código de Direito Canônico. No seu Credo constituinte, diz-se “una, santa, católica (universal) e apostólica”. A Igreja católica reclama ter o sacramento último de salvação, por vontade de Cristo, embora reconheça a presença de Deus noutras culturas religiosas e a possibilidade de salvação daqueles que não a seguem. Além da hierarquia, que vai do diácono ao bispo, é composta de muitos movimentos apostólicos, como ordens religiosas, institutos seculares e uma ampla diversidade de organizações e movimentos de leigos. A divisão hierárquica fragmentou-se com títulos e cargos na estrutura: Papa, Cardeal, Patriarca, Arcebispo, Bispo, Presbítero ou Padre, Diácono. Alguns destes cargos têm outras subdivisões, por meras razões de tradição ou de organização prática da estrutura.

29

Visão do Mundo: Para o cristianismo católico, a mensagem de salvação deve ser levada a toda a terra e a toda a gente. Sem distinções, o mundo é visto como “casa comum”, atributo de Deus para a humanidade. E a todos pode e deve ser permitida a salvação, pela conversão e pela adesão aos “sacramentos” – o primeiro dos sete “sacramentos” é o batismo – repetindo um gesto bíblico – que assinala a iniciação na comunidade de crentes.

Visão da Humanidade: Embora a tradição mantenha diferenças na forma de ver a mulher e o homem e a relação destes com a vida ritual, não há distinções entre seres humanos na visão cristã católica. A haver diferenças, estas definem-se pela coerência de fé. Num texto dos Atos dos Apóstolos, Paulo enquadra este conceito de igualdade na comunhão espiritual com Jesus: “Todos são filhos de Deus pela fé em Cristo, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Jesus Cristo” (Gálatas 3.26-28).

Distribuição Geográfica: Atualmente, contando os três ramos principais – católicos, protestantes e ortodoxos –, o cristianismo é a maior religião do mundo, com cerca de 2,3 mil milhões de milhões de pessoas identificadas com esta religião. É 33% da população mundial. Em 2015, a Igreja Católica Apostólica Romana tinha cerca de 1 100 milhões de membros, representando um sétimo da população mundial e metade de todos os cristãos.

Locais Sagrados: As igrejas e santuários, bem como os locais fúnebres de cristãos dados como exemplares, são o que mais semelhante da ideia de lugar sagrado pode ter-se no catolicismo. Algumas igrejas e santuários, pela sua relevância histórica e pela procura de fiéis, são mais importantes. A basílica de São Pedro, no Vaticano, é a “sede” do catolicismo.

Textos Sagrados: Os textos sagrados do catolicismo são os da Bíblia. Toda a produção textual consequente sustenta a interpretação e exegese bíblica. É o caso dos documentos conciliares e dogmáticos da Igreja, que começaram a ser escritos ainda nos primeiros séculos pelos chamados “Padres da Igreja” – Patrística – para blindar a doutrina contra heresias e inculturações místicas daquele tempo. Ao longo da história, a Igreja dominante, em posição de poder, tentou

impor a sua interpretação bíblica para defender o edifício doutrinário, recorrendo por vezes a métodos de violência extrema, como a inquisição.

Símbolos: A cruz é o símbolo principal do cristianismo, inspiradora de outros símbolos identitários ao longo da história. Nela os cristãos revêem a cruz onde Cristo morreu. Na iconografia católica e ortodoxa, a cruz é representada com o corpo de cruz, em agonia ou já morto. Os protestantes evitam a representação humana na cruz. A Igreja católica desenvolveu outros símbolos em volta da mãe de Jesus, como estatuária e ícones, por via da devoção mariana que as igrejas da reforma rejeitam. Maria é intitulada “Mãe da Igreja”, intercessora privilegiada junto do Filho. O presépio, que representa a “sagrada família”, é um símbolo mais recente.

Datas Sagradas (ou Simbólicas): O Domingo é o dia para os católicos se dedicarem ao culto. A Páscoa é a festa maior. Celebra a ressurreição de Jesus. É o último de três dias de celebrações – tríduo pascal – que relembra a paixão, morte e ressurreição de Jesus. Além da Páscoa, os cristãos católicos celebram outras datas importantes, como o Natal – nascimento de Jesus –, a Epifania, a Ascensão de Jesus e o Pentecostes. Sobre tudo entre católicos e países de maioria católica, há celebrações relevantes em torno da devoção mariana, com festas e cerimónias dedicadas a Nossa Senhora – mãe de Jesus.

Interditos: As normas doutrinárias católicas, bem como os princípios inerentes à exegese bíblica protestante e ortodoxa, estabelecem um conjunto de valores de humanidade e relação com divino. A vida humana tem para os cristãos um valor inviolável. Há uma construção ética resultante da experiência cristã, que sintetizou, sem os negar, os 10 mandamentos da Lei de Moisés. Os “interditos” em contexto cristão estão sempre condicionados por esta premissa e existem enquanto reguladores normativos de comportamento social e de coerência de fé. A violação destes princípios, que sustentam a moral cristã, justifica a noção de “pecado”. A gravidade dos pecados está hierarquizada, mas pode ter sempre uma remissão por via da Misericórdia. Para os católicos, esta remissão pode fazer-se com intermediação humana, legitimada pela ordem apostólica, pelo “sacramento da reconciliação”, mais conhecido como “confissão”. Para protestantes e demais ramificações da reforma, a remissão dos pecados deriva de uma relação espiritual com o divino. Em qualquer dos casos, a remissão pela violação dos “interditos” implicará a consciência do “pecado” e a respetiva emenda.

Em Portugal: As estatísticas revelam que cerca de 80% dos portugueses se dizem católicos. Na divisão administrativa da Igreja católica em Portugal existe um Ordinariato Militar e 20 dioceses, sendo estas agrupadas em três províncias eclesiais presididas pelo Patriarcado de Lisboa e pelas arquidioceses de Braga e de Évora. Cada diocese tem um ou mais bispos, uma Cúria com serviços e instituições próprias, como chancelaria, tribunal eclesiástico, secretariados, conselhos, etc. As dioceses são divididas por paróquias. Há atualmente 4 376 paróquias em Portugal. Os 45 bispos portugueses compõem a Conferência Episcopal Portuguesa, cujo presidente é eleito por todos, em votação. Da Conferência Episcopal derivam outros serviços e comissões setoriais, cada qual com um prelado como presidente. Pelo Anuário Católico, há em Portugal mais de 3 100 presbíteros, mais de 360 diáconos permanentes, 59 instituições de formação para o sacerdócio, diocesanas e outras, quase 150 institutos religiosos, 18 Institutos Seculares, 9 Sociedades de Vida Apostólica e outras 85 Associações, Instituições, Movimentos e Obras católicas. O Nuncio Apostólico de Lisboa tem a função de representação diplomática da Santa Sé.

(Joaquim Franco)



IGREJA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO NO MUNDO – OS TOCOÍSTAS

A Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo vulgarmente conhecido por “Os Tocoístas”, é uma Instituição religiosa Angolana de carácter cristã, de âmbito universal, sem fins lucrativos, apartidária, constituída por fiéis, independentemente da raça, género, origem étnica, nação de origem, local de nascimento, ou condição sócio-económica, com autonomia administrativa, financeira, jurídica e patrimonial.

Contexto de Origem: Tocoísmo é o nome dado aos seguidores do profeta angolano Simão Gonçalves Toco (1918-1984). Atualmente, estão constituídos eclesiasticamente sob a denominação “Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo”. Trata-se de um dos maiores movimentos cristãos em Angola, contando igualmente com sedes em vários outros países africanos e europeus. Tem a sua catedral no bairro do Golfe, no sudeste de Luanda, Angola. A sua sede espiritual é em Sadi-Zulumongo (NTaia), local de nascimento do profeta. Em 1946, graças ao trabalho que lhe fora reconhecido no âmbito da missão baptista e do coro, foi convidado, junto com outros dois “indígenas” (Gaspar de Almeida e Jessé Chipenda Chiúla) para intervir nos trabalhos da Conferência Missionária Internacional Protestante, realizada de 15 a 21 de julho de 1946, na localidade de Kaliná em Leopoldville (atual cidade de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo). Nesse momento, dirige uma prece onde pede para o Espírito Santo descer em África. A prece do profeta é atendida a 25 de Julho de 1949 quando, após um desentendimento com a Missão Baptista de Leopoldville, decide convocar uma vigília de oração na sua residência (rua de Mayenge, nº 159). Naquele momento, segundo contam os presentes, um vento foi sentido e começaram a tremer, foram realizados milagres e invocadas passagens bíblicas. Este momento é assumido pelo Tocoísmo como o momento em que o Espírito Santo desceu a África e a igreja cristã foi “relembrada”, de forma a retomar o caminho da igreja original do tempo dos Apóstolos. É, portanto, a data fundacional do movimento tocoísta.

Visão do Mundo: Ainda que um Tocoísta possa entender este como um mundo em constante mutações em que os avanços desenfreados da ciência põem-na em perigo constante, os Tocoístas são defensores de uma “perfeição social e de nobres princípios elementares para a existência de uma humanidade de paz, de concórdia, de amor, sem ambições desmedidas e sem conflitos”, opondo-se, por isso, a tudo que fere a moral de Deus.

Visão da Humanidade: Devido ao aumento da perda de valores que só poderá ser recuperada com o ensino do evangelho, no amor sincero ao próximo e acima de tudo amor a Deus o Criador, o Tocoísta afirma princípio da naturalidade na humanidade. Os preceitos da Igreja conformam estes valores em falta e ao mesmo tempo os conserva pois estão intimamente ligados com a sua espiritualidade, uma vez que um dos pressupostos da fé do Tocoísta tem que ver com a sua conduta moral e cívica, e sendo o cumprimento das normas (preceitos) o princípio fundamental da fé, logo quem viola uma das normas, torna-se incrédulo. Isto porque quando o profeta orienta que algo deve ser assim, aquilo faz parte da fé do crente. Neste caso, a função fundamental da fé é fazer renascer o crente e por este facto, os Tocoístas tornaram-se numa nova criatura em Cristo na sociedade.

Distribuição Geográfica: As sedes da INSJCM situam-se na República de Angola, sendo a Social, na Província de Luanda na Avenida, Engenheiro Pedro de Castro Van – duném (Loy) e a Espiritual, em Sadi Zulumongo – Ntaia Maquela do Zombo, Província do Uíge. Devido ao processo de expansão da igreja para fora de Angola, nomeadamente através das redes migratórias angolanas, a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo conheceu um aumento significativo a partir da década de 1990. Conta-se, atualmente, cerca de um milhão de crentes espalhados pelos cinco continentes.

Locais Sagrados: Os Tocoístas em vez de entenderem a igreja como uma entidade política e mundana (ou um edifício de pedra), defendem que a igreja é um reino espiritual assentado no carácter santo de Deus. Assim, os verdadeiros seguidores de Deus fazem parte da igreja que pertence a Jesus.

Textos Sagrados: Os Cristãos Tocoístas, encontram nas Escrituras Sagradas o padrão ético e moral revelado por Deus através dos Dez mandamentos e outros preceitos Bíblicos como as linhas condutoras e Reitoras de um comportamento Espiritual, consubstanciado em valores divinos como garantias da boa reputação, integridade e imagem da Igreja.

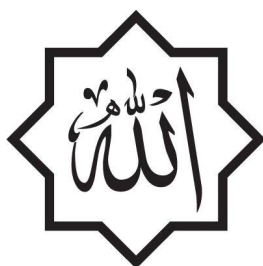
Datas Sagradas: A data que celebra a fundação da Igreja através da “relembração” dos preceitos originais cristãos, é o 25 de julho, que em 1949 marcou o milagre da “Descida do Espírito Santo” a África.

Símbolos: Entre os Tocoístas e a Igreja de Cristo, a Estrela da Alva é conhecida por «Ntetembwa nkyelelo». E é o símbolo oficial do povo eleito de Deus e que a identifica no mundo; A Estrela enquanto símbolo da Igreja que identifica os Tocoístas, apresenta a «realeza representativa» do reino de Cristo na Cidade Santa do Grande Rei. Essa Estrela é composta de oito cantos, sob um fundo retangular verde, sendo que cada canto corresponde a um reino que representou o poder de Deus no mundo, de Babilónia aos EUA. É o símbolo válido que ilumina o caminho da salvação.

Interditos: Segundo os preceitos Tocoístas, um Tocoísta não deve: filiar-se à nenhum Partido Político; usar roupa de cor vermelha ou preta (Isaías 63:1-4; Ezequiel 24:15-16); usar bebidas alcoólicas, tradicionais ou modernas (Provérbios 20:1 e Provérbios 23: 30-34); permitir trajo de homem na mulher e não vestirá o homem vestido da mulher (Deuteronómio).

Em Portugal: Em território nacional desde 1992. No momento estão sediados no Senhor Roubado, na Freguesia de Odivelas, Lote nº 1 Vale do Forno. São uma comunidade que oscila entre os 150 fieis.

(Evg. Francisco Filipe e Mariana Vital)



ISLÃO - VERTENTE SUNITA

A palavra Islão deriva do árabe islām, que por sua vez deriva da quarta forma verbal da raiz s-l-m, aslama, significando 'rendição, entrega e submissão [a Deus]'. A mesma raiz constitui também a base de salām, 'paz', com que a palavra islām e a correspondente condição de 'entrega' estão, portanto, intimamente relacionadas. A maioria dos muçulmanos identificam-se com a designação ahl as-sunnah wa l-jamā'ah, ou seja, "a 'gente' (ahl) fiel aos 'hábitos do Profeta Muḥammad' (sunnah) bem como ao consenso interno à 'comunidade' (jamā'ah)". Por esta razão, eles são comumente chamados "sunitas" (palavra que deriva de sunnah).

Contexto de Origem: Meca e Medina (Península Arábica), nos finais do séc. VI e no início do séc. VII EC. No ano de 622 inicia-se o calendário islâmico, com a Hégira (hiğrah), a 'emigração' de Muḥammad, o Profeta (rasūl) do Islão, de Meca para Medina. O Islão emergiu num contexto tribal e de idolatria politeísta, em que Meca se constituía como um centro devocional transregional. Muḥammad (570-632) começou em 610 a pregar o monoteísmo e a 'rendição, entrega e submissão' (islām, Islão) ao Único Deus (Allāh, 'O Deus'). O Profeta era perseguido pelas elites da cidade, por elas serem contrárias ao Islão, e acabou por emigrar de Meca para Medina (622), cidade onde a nova 'comunidade' (ummah) se estabeleceu, se organizou, cresceu e continuou na sua expansão. O Livro Sagrado do Islão, o Alcorão (al-qur'ān, 'a recitação'), foi revelado enquanto "Palavra de Deus" a Muḥammad pelo anjo Gabriel entre 610 e 632, vindo a encerrar a revelação divina – que inclui Livros anteriores como a Torá e o Evangelho –, constituindo-se a língua da revelação, o árabe, como "idioma sagrado". Tal como o Alcorão encerra a Revelação, Muḥammad é o selo da Profecia a fechar uma sucessão de Profetas que se estende, antes dele, de Adão até Jesus, filho de Maria. Outros Profetas, como Abraão, Noé, David e Moisés, são comuns tanto ao Islão como ao Judaísmo e ao Cristianismo.

Visão do Mundo: A 'doutrina da Unidade e Unicidade de Deus' (tawḥīd) consubstancia um puro monoteísmo em que Deus é o Único Criador e 'Senhor dos Mundos' (rabbi al-ālamīn), isto é, Senhor de toda a Criação. Sendo Absoluto e Eterno, Transcendente e mesmo assim Imanente, Deus é 'O Todo-Misericordioso' (al-Raḥmān): toda a Criação é, portanto, "permeada" pela Sua 'Misericórdia' (raḥmah). A visão islâmica da vida e do mundo tem, portanto, o seu princípio orientador na Unidade e na Misericórdia Divinas, que vigora em todos os domínios espirituais, éticos, psicológicos, científicos, políticos e nos demais aspetos daquela que no presente volume é chamada «cosmovisão». Este princípio é, portanto, a essência religiosa das práticas básicas e obrigatórias chamadas 'os Cinco' Pilares do Islão' (arkān al-islām): 1) šahādah, 'testemunho de fé', assente na adesão à fórmula lā ilāha illā Allāh, Muḥammad rasūl Allāh ('não há divindade salvo Deus, Muḥammad é o profeta de Deus'); 2) ṣalāh, 'oração' oferecida a Deus cinco vezes por dia; 3) zakāh, 'esmola legal', a oferecer anualmente aos pobres e necessitados; 4) ḥağğ, 'peregrinação' a Meca, a cumprir pelo menos uma vez durante a vida; 5) sawm, 'jejum [de Ramadão]' durante os dias de Ramadão (ramaḍān, nono mês do calendário islâmico), da madrugada ao pôr-do-sol. Elementos da cosmologia islâmica se evidenciam nas seis crenças que consubstanciam a própria 'fé' (īmān): 1) crença em Deus; 2) nos anjos; 3) nos livros sagrados revelados; 4) nos mensageiros (profetas) de Deus; 5) na ressurreição e nos acontecimentos do Dia do Juízo Final (incluindo a existência do paraíso e do inferno); 6) na predeterminação e na predestinação por decreto divino de todas as coisas e acontecimentos. No Islão, adquire um importante papel a busca do 'conhecimento' (ilm), o que resulta num forte impulso para a ciência, o desenvolvimento intelectual e o autoconhecimento. Com efeito, a Criação e a própria alma humana contêm 'sinais' (āyāt; cf. Alcorão, XLI, 53) pelos quais Deus orienta o conhecimento humano (note-se que āyāt são também os 'versículos' do Alcorão). Assim, aquilo que é transitório e efêmero (o mundo), esconde e manifesta (como faria um véu) a via que conduz o ser humano a testemunhar a Unidade e a Misericórdia de Deus, que afinal é a Única e 'a Última Realidade' (al-Ḥaqq).

Visão da Humanidade: Apesar de ser 'servo' ('abd) de Deus, o 'ser humano' (insān) é também o 'representante' (ḥalīfah, 'califa') do próprio Deus na Terra (cf. Alcorão, II, 30), por Ele honrado, ocupando portanto uma posição central e uma função especial e nobre na Criação. A sua nobre e honrada 'natureza primordial' (fiṭrah) – comum a todos os homens e mulheres – pode ser plenamente manifestada sempre que o ser humano se submeta a Deus e viva e se comporte de forma virtuosa. Este especial papel na Criação apela o ser humano a ter uma atitude misericordiosa, responsável, equilibrada, bondosa e justa perante a inteira Criação, incluindo crentes e não crentes, animais e a chamada Natureza. Os seres humanos, sendo todos 'filhos de Adão' (banū Adam), são todos irmãos e, a este respeito, o Profeta disse: «Toda a humanidade vem de Adão e Eva; um árabe não é superior a um não árabe, nem um não árabe é superior a um árabe; um branco não é superior a um negro nem um negro é superior a um branco, exceto em piedade e em bons atos». O perfeito, completo e mais elevado exemplo de ser humano e de muslim ('rendido [a Deus]', 'muçulmano') é o próprio Profeta Muḥammad. Este é descrito no Alcorão bem como nas 'narrações' tradicionais (aḥādīṭ) como sendo um homem cujo caráter é 'excelente' ('aẓīm), misericordioso,

bondoso, amoroso, gentil, fidedigno, humilde e paciente. ‘Entrega’ a Deus (islām), ‘fé’ (īmān) e ‘excelência’ (ihsān) tanto exterior (isto é, do comportamento) como interior são as três componentes da ‘religião’ (dīn), conforme o próprio Profeta pregou. Outros exemplos virtuosos são os companheiros e familiares de Muḥammad – nomeadamente a sua amada filha Fátima (Fāṭimah) –, os outros Profetas e Maria, mãe de Jesus. Tanto Maria como Jesus são muito amados pelos muçulmanos e frequentemente mencionados no Alcorão. Os muçulmanos esperam a segunda vinda de Jesus enquanto evento fulcral da escatologia muçulmana. Existem confrarias místicas que defendem a existência de cadeias de sucessão iniciática de Santos e Mestres, sendo estes considerados herdeiros espirituais do Profeta, capazes de educar os discípulos para estes atingirem a ‘excelência’ (ihsān) da virtude e do conhecimento (‘irfān, ‘gnose’), tanto ‘manifesto’ ou exotérico (zāhir), como ‘interior’ ou esotérico (bāṭin), cuja “sede” é o ‘coração’ (qalb). Este misticismo-esoterismo islâmico é comumente chamado ṭaṣawwuf ou “Sufismo”. Conforme a doutrina islâmica, os fiéis das anteriores revelações, como o Judaísmo e o Cristianismo, têm de ser respeitados e não prejudicados pelos muçulmanos, inclusivamente nos territórios por estes administrados, no contexto de um ‘pacto de proteção e convivência’ (ḡimmaḥ) que define os direitos e deveres destes ‘Povos do Livro’ (ahl al-kitāb). Em geral, no que respeita ao comportamento do crente muçulmano perante os outros seres humanos, crentes ou não crentes, considera-se que o Alcorão (LX, 8) indica um princípio ético de equidade e não hostilidade.

Distribuição Geográfica: É a vertente demograficamente mais representativa do Islão, representando entre 87 e 90% dos muçulmanos do mundo, a maior parte deles residindo no Oriente Próximo, na África e na Ásia (a Indonésia é o país com mais muçulmanos do mundo). Existem minorias muçulmanas significativas no resto do mundo, especialmente na Europa, América e China.

Locais Sagrados: As principais cidades sagradas do Islão, para todos os muçulmanos, são Meca (onde existe o edifício sagrado chamado Caaba, ka’bah), Medina e Jerusalém.

Textos Sagrados: O Livro (al-kitāb) Sagrado do Islão é o Alcorão, na mesma e única versão textual aceite por todos os muçulmanos. Os livros das ‘narrações’ (aḥādīṭ) da vida, das ações e das palavras do Profeta, apesar de não serem considerados parte da Revelação, são uma fonte textual fundamental na doutrina islâmica. A Torá e o Evangelho são descritos no Alcorão como sendo dois dos Livros revelados antes do próprio Alcorão e coerentes com ele. Contudo, segundo os muçulmanos, as versões que têm vindo a ser utilizadas por judeus e cristãos encontram-se corrompidas, sendo o Alcorão o único Livro Sagrado a manter-se na sua pureza textual e, portanto, o único Texto autêntico, atualmente disponível, em que o crente possa e deva confiar.

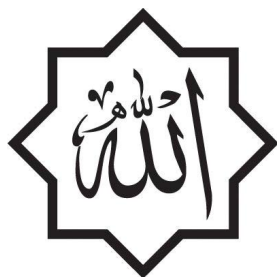
Datas Sagradas: Entre os principais períodos e dias sagrados, considerem-se sobretudo: o Ramadão, o nono mês do calendário islâmico (lunar), sendo o mês do jejum (v. supra); Eid al-Fitr (‘Īd al-fīṭr), dia de celebração que marca o fim do jejum do Ramadão; Eid al-Adha (‘Īd al-aḍḥā), a ‘festa do sacrifício’ que celebra, no décimo dia do último mês do calendário islâmico, a obediência a Deus de Abraão perante a ordem divina (posteriormente retirada) de sacrificar o seu filho. É considerado meritório, mas não obrigatório, celebrar o aniversário do ‘nascimento’ (mawlid) do Profeta bem como algumas noites de vigília, por exemplo, a ‘noite do destino’ (laylat al-qadr) durante o Ramadão (trata-se da noite em que foi revelado o primeiro versículo do Alcorão).

Símbolos: Existem elementos visuais que são frequentemente utilizados na tradição e na arte islâmicas. Entre eles, destacam-se as obras de caligrafia islâmica, que representam por letras do alfabeto árabe os nomes «Allāh» (v. início desta ficha e das duas seguintes) e «Muḥammad» bem como outras palavras e frases sagradas e ainda versículos do Alcorão. A cor verde, que caracteriza elementos do Paraíso descrito no Alcorão, é frequentemente utilizada no simbolismo islâmico. O símbolo do Crescente foi utilizado no passado por alguns impérios islâmicos (nomeadamente o Otomano) e caracteriza as bandeiras de vários estados habitados maioritariamente por muçulmanos. Contudo, é questionado o facto de o Crescente ser um símbolo tipicamente islâmico ou uma herança histórica de outro tipo, dado ter sido utilizado na zona eurasiática antes da revelação islâmica e por povos não islâmicos.

Interditos: No Islão, Deus estabelece o que é ‘permitido’ (ḥalāl) assim como o que é ‘interdito’ (ḥarām). Alguns dos comportamentos interditos são o assassinato, o adultério e o consumo de certos alimentos de origem animal (entre os quais, a carne de porco) bem como das bebidas alcoólicas.

Em Portugal: Estimam-se cerca de 55 mil muçulmanos. Entre eles, os chamados “sunitas” constituem a vastíssima maioria (cerca de 47-50 mil). A primeira presença na contemporaneidade, data dos anos 50 do séc. XX, com a fixação de população das então colónias portuguesas, que se intensifica depois do 25 de abril de 1974, dando origem à Comunidade Islâmica de Lisboa e à construção da respetiva mesquita. A imigração de países, também não lusófonos, tem aumentado, progressivamente, o número desses crentes, assim como de lugares das mesquitas.

Nota: os elementos essenciais e básicos do Islão bem como da sua “história” e «cosmovisão» são comuns às três vertentes da espiritualidade islâmica descritas no presente volume (“sunita”, “xiita” e “xiita ismaelita”). Apesar das divisões internas à comunidade islâmica (causadas várias vezes por questões políticas), o Islão mantém globalmente um certo caráter unitário quanto aos fundamentos, às práticas religiosas e à visão da vida e do mundo. Por isso, alguns aspetos são repetidos nas três fichas e outros são desenvolvidos principalmente na primeira e são apenas sugeridos ou considerados implícitos nas outras.



ISLÃO - VERTENTE XIITA

Vulgarmente conhecido como “Islão Xiita” ou “Xiismo”. O termo árabe *shī‘ah* significa ‘fação’ e indica, neste contexto, a facção dos seguidores de ‘Alī (v. infra).

Contexto de Origem: Tal como foi dito na ficha anterior, o contexto histórico da revelação islâmica são as cidades de Meca e Medina (Península Arábica), nos finais do séc. VI e no início do séc. VII EC. No ano de 622 inicia-se o calendário islâmico, com a Hégira (*hiğrah*), a ‘emigração’ de Muḥammad, o Profeta (*rasūl*) do Islão, de Meca para Medina (v. ficha anterior). Os muçulmanos “xiitas” apresentam-se como seguidores de ‘Alī (601-661), companheiro, primo e genro do Profeta. Com efeito, eles consideram ‘Alī o primeiro autêntico ‘sucessor’ (*ḥalīfah*, califa) de Muḥammad e, portanto, o primeiro ‘líder’ (*imām*, imã) da ‘comunidade’ (*ummah*) após a morte do Profeta. Este aspeto é um daqueles que diferenciam a minoria “xiita” da maioria dos muçulmanos (chamados “sunitas”), que atribuem este papel de sucessão e liderança a Abū Bakr (outro companheiro do Profeta) e consideram ‘Alī o quarto califa na ordem cronológica de sucessão após a morte do Profeta. Segundo os “xiitas”, o ‘líder’ (*imām*) da comunidade islâmica a partir de ‘Alī tem de ser um homem da família do Profeta (a ‘gente da casa’, *ahl al-bayt*). Esta crença consubstancia uma doutrina da sucessão e liderança da *ummah*, chamada *Imamado*, pela qual cada Imã é considerado o líder designado por Deus. O afastamento dos “xiitas” do resto dos muçulmanos é comumente descrito como a mais significativa ‘divisão sectária’ (*fiṭnah*) entre muçulmanos. Dada a relevância de ‘Alī no “Xiismo”, o ‘testemunho de fé’ (*ṣhāḥadah*) dos “xiitas” acrescenta ao dos outros muçulmanos (v. ficha anterior) uma afirmação sobre ele, constituindo-se assim: «não há divindade salvo Deus, Muḥammad é o profeta de Deus e ‘Alī é o amigo de Deus». Existem diversas correntes “xiitas” que reconhecem diferentes linhas de sucessão dos Imãs. As maiores são: a “duodecimana” (demograficamente, a maior), a “zaidita” e a “ismaelita” (sobre esta, v. ficha seguinte). Segundo os “duodecimanos”, o duodécimo Imã (Muḥammad ibn Ḥasan) ocultou-se em 873-874 e é o esperado Maḥḍi, uma importante figura que, na escatologia muçulmana, antecipa a segunda vinda de Jesus, sendo esta também esperada pelos muçulmanos.

35

Visão do Mundo: Para qualquer muçulmano, e tal como foi dito na ficha anterior, a ‘doutrina da Unidade e Unicidade de Deus’ (*tawḥīd*) consubstancia um puro monoteísmo em que Deus é o Único Criador e ‘Senhor dos Mundos’ (*rabbī al-‘ālamīn*), isto é, Senhor de toda a Criação. Sendo Absoluto e Eterno, Transcendente e mesmo assim Imanente, Deus é ‘O Todo-Misericordioso’ (*al-Raḥmān*): toda a Criação é, portanto, “permeada” pela Sua ‘Misericórdia’ (*raḥmah*). A visão islâmica da vida e do mundo tem, portanto, o seu princípio orientador na Unidade e na Misericórdia Divinas, que vigora em todos os domínios espirituais, éticos, psicológicos, científicos, políticos e nos demais aspetos daquela que no presente volume é chamada «cosmovisão». As crenças e as práticas religiosas e devocionais fundamentais do Islão são basicamente as mesmas para todos os muçulmanos (v. ficha anterior). Contudo, existem pequenas diferenças específicas no “Xiismo”, entre as quais a já referida inerente ao testemunho de fé. Os cinco ‘fundamentos da religião’ (*uṣūl ad-dīn*) segundo a visão “xiita duodecimana” são estes: 1) ‘monoteísmo’ (*tawḥīd*); 2) ‘justiça’ (*‘adalah*); 3) ‘profecia’ (*nubuwwah*); 4) ‘imamado’ (*imāmah*); 5) ‘dia da ressurreição’ (*yawm al-qiyāmah*). No “Xiismo duodecimano”, para além do ‘testemunho de fé’ (*ṣhāḥadah*), da ‘oração’ (*ṣalāh*), da ‘esmola legal’ (*zakāh*), da peregrinação (*ḥağğ*) e do ‘jejum [de Ramadão]’ (*sawm*), comumente chamados Cinco Pilares do Islão, existem mais cinco práticas/atitude que integram os que, no “Xiismo”, chamam-se ‘Ramificações da Fé’ (*furū‘ ad-dīn*). Entre eles, um é ‘amar a família do Profeta’ (*tawallā*). Importância é dada no “Xiismo” ao domínio da ‘gnose’ (*‘irfān*), isto é, do conhecimento espiritual, das doutrinas esotéricas e exegéticas. Por isso, alguns aspetos do “Xiismo” são por vezes comparados com elementos do “Sufismo” (v. ficha anterior).

Visão da Humanidade: Esta visão é comum a todos os muçulmanos, para os quais, apesar de ser ‘servo’ (*‘abd*) de Deus, o ‘ser humano’ (*insān*) é também o ‘representante’ (*ḥalīfah*, ‘califa’) do próprio Deus na Terra (cf. Alcorão, II, 30), ocupando portanto uma posição central e uma função especial e nobre na Criação. A sua nobre e honrada ‘natureza primordial’ (*fiṭrah*) – comum a todos os homens e mulheres – pode ser plenamente manifestada sempre que o ser humano se submeta a Deus e viva e se comporte de forma virtuosa. Este especial papel na Criação apela o ser humano a ter uma atitude misericordiosa, responsável, equilibrada, bondosa e justa perante a inteira Criação, incluindo crentes e não crentes, animais e a chamada Natureza. Os seres humanos, sendo todos ‘filhos de Adão’ (*banū Adam*), são todos irmãos e, a este respeito, o Profeta disse: «Toda a humanidade vem de Adão e Eva; um árabe não é superior a um não árabe, nem um não árabe é superior a um árabe; um branco não é superior a um negro nem um negro é superior a um branco, exceto em piedade e em bons atos». Logo após o Profeta Muḥammad, os exemplos mais imitados de seres humanos pelos “xiitas” são sobretudo ‘Alī, os outros Imãs e os familiares de Muḥammad, nomeadamente Fāṭimah, filha

do Profeta e esposa de ‘Alī. Conforme a doutrina islâmica, os fiéis das anteriores revelações, como o Judaísmo e o Cristianismo, têm de ser respeitados e não prejudicados pelos muçulmanos, inclusivamente nos territórios por estes administrados, no contexto de um ‘pacto de proteção e convivência’ (ḍimmah) que define os direitos e deveres destes ‘Povos do Livro’ (ahl al-kitāb). Em geral, no que respeita ao comportamento do crente muçulmano perante os outros seres humanos, crentes ou não crentes, considera-se que o Alcorão (LX, 8) indica um princípio ético de equidade e não hostilidade.

Distribuição Geográfica: Os “xiitas” são entre 10 e 13% dos muçulmanos do mundo. Uma grande parte deles vivem no Irão, país onde a sua doutrina é largamente maioritária e considerada ortodoxa desde o séc. XVI. Significativos contingentes de “xiitas” vivem no subcontinente indiano (Índia, Paquistão), no Oriente Próximo (Iraque, Iémen, Turquia, etc.) e na Nigéria.

Locais Sagrados: As principais cidades sagradas do Islão são Meca, Medina e Jerusalém. A mesquita de ‘Alī, em Najaf (Iraque) é um entre os sítios mais sagrados pelos “xiitas”.

Textos Sagrados: O Livro Sagrado do Islão e para todos os muçulmanos é o Alcorão, ma mesma e única versão. Os livros das ‘narrações’ (aḥādīṭ) das ações e palavras do Profeta, de ‘Alī e dos outros Imãs, apesar de não serem considerados parte da Revelação, são uma fonte textual fundamental na doutrina dos “xiitas”.

Datas Sagradas: Trata-se dos dias sagrados comuns a todos os muçulmanos (v. ficha anterior), entre os quais: Eid al-Fiṭr (‘Īd al-fiṭr), celebração que marca o fim do jejum do Ramadão; Eid al-Adha (‘Īd al-aḍḥā), a ‘festa do sacrifício’ que celebra, no décimo dia do último mês do calendário islâmico, a obediência a Deus de Abraão; ‘āshūrā’, dia 10 do mês de muḥarram, sendo sagrado para todos os muçulmanos, adquire pelos “xiitas duodecimanos” uma relevância especial, sendo o dia da comemoração do “martírio” de Ḥusayn (terceiro Imã na linha de sucessão deles).

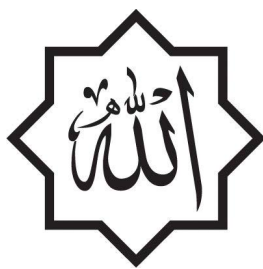
Símbolos: Tal como foi referido na ficha anterior, existem elementos visuais que são frequentemente utilizados na tradição e na arte islâmicas (v. ficha anterior). Entre eles, destacam-se as obras de caligrafia islâmica. No “Xiismo”, um nome frequentemente representado, para além dos de Deus e do Profeta, é o de ‘Alī.

Interditos: No Islão, Deus estabelece o que é ‘permitido’ (ḥalāl) assim como o que é ‘interdito’ (ḥarām). Alguns dos comportamentos interditos são o assassinato, o adultério e o consumo de certos alimentos de origem animal (entre os quais a carne de porco) bem como das bebidas alcoólicas. Esta visão é comum a todos os muçulmanos.

Em Portugal: Os “xiitas” são uma minoria entre os muçulmanos que vivem em Portugal, sendo os “israelitas” a comunidade “xiita” mais presente no território nacional, com cerca de 5/7 mil crentes (v. ficha seguinte).

Nota: os elementos essenciais e básicos do Islão bem como da sua “história” e «cosmovisão» são comuns às três vertentes da espiritualidade islâmica descritas no presente volume (“sunita”, “xiita” e “xiita ismaelita”). Apesar das divisões internas à comunidade islâmica (causadas várias vezes por questões políticas), o Islão mantém globalmente um certo caráter unitário quanto aos fundamentos, às práticas religiosas e à visão da vida e do mundo. Por isso, alguns aspetos são repetidos nas três fichas e outros são desenvolvidos principalmente na primeira e são apenas sugeridos ou considerados implícitos nas outras.

(Fabrizio Boscaglia e Filomena Barros)



ISLÃO - VERTENTE XIITA ISMAELITA

Vulgarmente conhecido como “Ismaelismo” ou “Xiismo Ismaelita”.

Contexto de Origem: Tal como foi referido nas anteriores duas fichas, o Islão emergiu do ponto de vista histórico em Meca e Medina (Península Arábica), nos finais do séc. VI e no início do séc. VII EC. No ano de 622 inicia-se o calendário islâmico, com a Hégira (hiğrah), a ‘emigração’ de Muḥammad, o Profeta (rasūl) do Islão, de Meca para Medina (v. ficha «Islão – Vertente Sunita»). Os muçulmanos “xiitas” consideram ‘Alī (companheiro, primo e genro do Profeta) o primeiro autêntico ‘sucessor’ (ḥalīfah, califa) de Muḥammad e, portanto, o primeiro ‘líder’ (imām, imã) da ‘comunidade’ (ummah) após a morte do Profeta. Esta crença consubstancia a doutrina de sucessão e liderança chamada Imamado, pela qual cada Imã é um homem da família do Profeta, sendo o líder dos crentes designado por Deus (v. ficha anterior). Os “ismaelistas” consideram Ismā‘īl ibn Ja‘far (719-755) como sendo o sétimo Imã na linha de sucessão, diferenciando-se neste aspeto de outras correntes do “Xiismo”, entre as quais a “duodecimana” (v. ficha anterior) que é a maioritária e que considera Mūsā ibn Ja‘far, irmão de Ismā‘īl, como sétimo Imã.

Visão Do Mundo: Sendo comum a todos os muçulmanos, a ‘doutrina da Unidade e Unicidade de Deus’ (tawḥīd) consubstancia um puro monoteísmo em que Deus é o Único Criador e ‘Senhor dos Mundos’ (rabbi al-‘ālamīn), isto é, Senhor de toda a Criação. Sendo Absoluto e Eterno, Transcendente e mesmo assim Imanente, Deus é ‘O Todo-Misericordioso’ (al-Raḥmān): toda a Criação é, portanto, “permeada” pela Sua ‘Misericórdia’ (raḥmah). A visão islâmica da vida e do mundo tem, portanto, o seu princípio orientador na Unidade e na Misericórdia Divinas, que vigora em todos os domínios espirituais, éticos, psicológicos, científicos, políticos e nos demais aspetos daquela que no presente volume é chamada «cosmovisão». Este princípio é, portanto, a essência religiosa dos chamados Pilares do Islão (v. ficha «Islão – Vertente Sunita»). No contexto do “Ismaelismo”, para além do ‘testemunho de fé’ (šahādah), da ‘oração’ (ṣalāh), da ‘esmola legal’ (zakāh), da ‘peregrinação’ (ḥağğ) e do ‘jejum [de Ramadão]’ (sawm), que constituem os Cinco Pilares do Islão (v. ficha «Islão – Vertente Sunita»), fala-se de mais dois Pilares: ‘pureza’ (tahārah) e ‘esforço’ (ğihād, ‘esforço’ em senso lato). No que respeita à doutrina do conhecimento, os “ismaelitas” tendem a marcar a distinção entre o conhecimento exterior ou exotérico e o conhecimento interior ou esotérico, utilizando uma hermenêutica fortemente alegórica e simbólica, mesmo no que respeita à interpretação dos acontecimentos históricos e políticos que envolvem a sua comunidade.

Visão da Humanidade: Trata-se de uma visão que, nos seus traços básicos, é comum a todos os muçulmanos (cf. fichas anteriores). Apesar de ser ‘servo’ (‘abd) de Deus, o ‘ser humano’ (insān) é também o ‘representante’ (ḥalīfah, ‘califa’) do próprio Deus na Terra (cf. Alcorão, II, 30), ocupando portanto uma posição central e uma função especial e nobre na Criação. A sua nobre e honrada ‘natureza primordial’ (fiṭrah) – comum a todos os homens e mulheres – pode ser plenamente manifestada sempre que o ser humano se submeta a Deus e viva e se comporte de forma virtuosa. Este especial papel na Criação apela o ser humano a ter uma atitude misericordiosa, responsável, equilibrada, bondosa e justa perante a inteira Criação, incluindo crentes e não crentes, animais e a chamada Natureza. Os seres humanos, sendo todos ‘filhos de Adão’ (banū Adam), são todos irmãos e, a este respeito, o Profeta disse: «Toda a humanidade vem de Adão e Eva; um árabe não é superior a um não árabe, nem um não árabe é superior a um árabe; um branco não é superior a um negro nem um negro é superior a um branco, exceto em piedade e em bons atos». Logo após o Profeta Muḥammad, os seres humanos mais amados e imitados pelos “xiitas” são sobretudo ‘Alī, os outros Imãs e os familiares de Muḥammad, nomeadamente Fāṭimah, filha do Profeta e esposa de ‘Alī. Conforme a doutrina islâmica, os fiéis das anteriores revelações, como o Judaísmo e o Cristianismo, têm de ser respeitados e não prejudicados pelos muçulmanos, inclusivamente nos territórios por estes administrados, no contexto de um ‘pacto de proteção e convivência’ (ḍimmah) que define os direitos e deveres destes ‘Povos do Livro’ (ahl al-kitāb). Em geral, no que respeita ao comportamento do crente muçulmano perante os outros seres humanos, crentes ou não crentes, considera-se que o Alcorão (LX, 8) indica um princípio ético de equidade e não hostilidade.”

Distribuição Geográfica: A corrente maioritária do “Ismaelismo”, chamada “Nizari” e cujo Imã é presentemente (2016) Aga Khan IV (nascido em 1936), está presente sobretudo no Paquistão, no Afeganistão e na Índia. Comunidades mais pequenas de “ismaelitas” estão presentes também no Oriente Próximo e em outros países da Ásia, da Europa, da África, da Oceânia e da América do Norte.

Locais Sagrados: As principais cidades sagradas do Islão são Meca, Medina e Jerusalém (cf. fichas anteriores).

Textos Sagrados: O Livro Sagrado do Islão é o Alcorão, na sua única versão textual que é aceite por todos os muçulmanos. Os “ismaelitas” da corrente “Nizari” costumam recitar poemas devocionais baseados em versículos do Texto Sagrado do Alcorão, chamados Ginans.

Datas Sagradas: Tal como para as vertentes do Islão anteriormente descritas (v. fichas anteriores), considerem-se sobretudo estas datas: Eid al-Fitr (ʿĪd al-fiṭr), celebração que marca o fim do jejum do Ramadão; Eid al-Adha (ʿĪd al-aḍḥā), a ‘festa do sacrifício’ que celebra, no décimo dia do último mês do calendário islâmico, a obediência a Deus de Abraão.

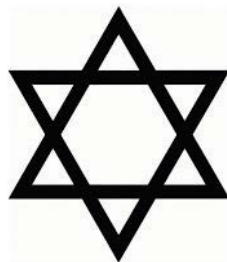
Símbolos: Existem elementos visuais que são frequentemente utilizados na tradição e na arte islâmicas (v. fichas anteriores). Entre eles, destacam-se as obras de caligrafia islâmica. A cor verde, que caracteriza elementos do Paraíso descrito no Alcorão, é frequentemente utilizada no simbolismo islâmico, sendo associada à cor vermelha na bandeira do “Ismaelismo Nizari”.

Interditos: Tal como foi dito nas duas fichas anteriores, Deus estabelece o que é ‘permitido’ (ḥalāl) assim como o que é ‘interdito’ (ḥarām). Alguns dos comportamentos interditos são o assassinato, o adultério e a consumação de certos alimentos de origem animal (entre os quais a carne de porco) bem como as bebidas alcoólicas.

Em Portugal: Os “ismaelitas” são a comunidade muçulmana “xiita” mais presente no território nacional, com cerca de 5/7 mil crentes, constituindo uma minoria dentro da comunidade islâmica.

Nota: os elementos essenciais e básicos do Islão bem como da sua “história” e «cosmovisão» são comuns às três vertentes da espiritualidade islâmica descritas no presente volume (“sunita”, “xiita” e “xiita ismaelita”). Apesar das divisões internas à comunidade islâmica (causadas várias vezes por questões políticas), o Islão mantém globalmente um certo caráter unitário quanto aos fundamentos, às práticas religiosas e à visão da vida e do mundo. Por isso, alguns aspetos são repetidos nas três fichas e outros são desenvolvidos principalmente na primeira e são apenas sugeridos ou considerados implícitos nas outras.

(Fabrizio Boscaglia e Filomena Barros)



JUDAÍSMO

Judaísmo deriva do nome da tribo Yuda (Judá). Depois do cativeiro da Babilônia, quando as tribos hebreias retornam a Canaã, criam-se dois reinos Judá e Israel. Israel, devido a guerras internas, Judá torna-se a certa altura (sec. VIII AEC) o único reino hebreu e o seu nome passa a identificar aquele povo.

Contexto de Origem: Noé (circa 2705 AEC) o primeiro a estabelecer uma Aliança com Deus na sequência do dilúvio. Esta Aliança representa a promessa de Deus à Humanidade de não voltar a destruí-la acordando a Humanidade, em retorno, na criação de um sistema de conduta social e de observação de interditos impostos por Deus. Ainda que tenha sido Noé o primeiro a celebrar a primeira Aliança, Abraão (circa 1800 AEC) é considerado como o fundador da religião monoteísta. Abraão (natural de Ur) é considerado o Patriarca do povo hebreu bem como o primeiro monoteísta. Este povo vivia do pastoreio e as gerações seguintes de Isaac (circa 1700 AEC) e Jacob (circa 1600 AEC) viveram na zona da Mesopotâmia como nômadas. Quando o povo hebreu se torna cativo no Egito (circa 1300 AEC), surge Moisés (circa 1400 AEC) que os liberta enquanto escolhido de Deus e encarregado por ele de os conduzir à Terra Prometida. Depois desta libertação, Moisés conduziu o seu povo no deserto (as 12 Tribos reunidas) e subindo ao Monte Horeb terá recebido as Tábuas da Lei que continham os 10 Mandamentos (circa 1300 AEC) e que se tornaram a Lei hebreia. Na sequência da morte de Moisés e chegada à Terra Prometida (circa 1270 AEC), Deus deixa de contactar diretamente o seu povo e começa a era dos Profetas. Yoshua (circa 1200) chega à Terra Prometida com o povo hebreu e inicia-se o período dos Juízes onde se distinguem: Débora, Juíza (que procura a coesão entre as Tribos) e Samuel, Profeta (que atendendo ao desejo do povo de ter um Rei, nomeia Saul como Rei). Segue-se o período dos Reis onde se distinguem: David, Rei (que congrega o povo hebreu e adquire Jerusalém tornando-a a capital das 12 Tribos) e Salomão, Rei (que edifica o Templo em Jerusalém). Quando morre Salomão, dez Tribos reúnem-se no norte e fundam o Reino de Israel, e as duas Tribos de sul (Judá e Benjamim) fundam o reino de Judá. Na sequência das invasões babilônicas o reino de Israel perece e os hebreus são tomados cativos na Babilônia, resistindo Judá (devido à sua identidade coesa). A Samaria ocupa (entre outros) o território outrora do reino de Israel adotando a sua cultura hebreia até ao regresso do seu povo (Israel) recém-libertados do cativeiro da Babilônia (pelo Rei Ciro da Pérsia), onde se confrontam hebreus e samaritanos pelo mesmo território. Israel vai ainda suportar as invasões helénicas (quando se dá a revolta dos Macabeus), romanas (quando se dá a destruição de Jerusalém e do seu Templo séc. I), otomanas, e cristãs até ser instituído (1940) o Estado de Israel.

Visão do Mundo: Segundo o Judaísmo a Terra e as suas criaturas foram confiadas, por Deus, ao Homem no princípio da Criação para delas cuidar, se sustentar e organizar (continuar o trabalho de Deus) o Mundo.

Visão da Humanidade: Segundo o Judaísmo, todos os homens e mulheres são filhos de Deus e o povo Judeu, o povo eleito que foi incumbido de preparar a vinda do Messias que será o Rei perfeito do Reino perfeito que há-de vir para todos.

Distribuição Geográfica: Entre 13 a 15 milhões de judeus distribuídos pelo mundo. Cerca de 6 milhões em Israel.

Locais Sagrados: O Templo de Jerusalém (que se localiza no Monte Moriah em Jerusalém) porque foi mandado construir por Deus a Salomão.

O Muro das Lamentações (Jerusalém) é visto como sagrado na medida em que é local que estava mais perto do Templo (enquanto parte da muralha que circunscrevia o complexo do templo).

Textos Sagrados: O texto sagrado por excelência é a Torah, mas o Talmude (em especial o da Babilônia) também é visto como uma referência importante na conduta de um judeu visto ser compreendida como a Torah oral (que transmitia as tradições e os cânones e que permitia a sua discussão). O hebraico é considerado a língua que mais aproxima o judeu da mensagem de Deus, sendo a Sinagoga vista como sagrada por ser o local onde é guardada a Torah.

Datas Sagradas: a Criação do Mundo na tradição judaica deu-se no ano 3760 AEC e é celebrado no Ano Novo Judaico, "Rosh HaShanah" (calculado segundo o calendário lunar judaico); "Shabat" é o momento mais festivo onde se congrega a comunidade judaica que lembra o sétimo dia reservado por Deus como o sétimo dia da criação quando descansou, marcado todos os sábados; "Yom Kipur" é o Dia do Perdão e acontece 10 dias depois do "Rosh HaShanah", segundo os

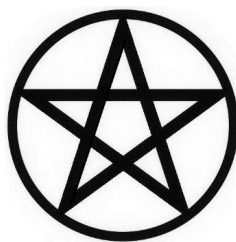
preceitos ditados por Deus este é o dia em que se purifica a alma dos pecados; “Sucot” é a Festa das Colheitas, em que se celebra o fim dos trabalhos agrícolas e acontece 5 dias depois do “Yom Kipur”; “Hanukah” celebra-se no dia 25 de “Kislev” (durante o mês Dezembro), e celebra-se a vitória dos Macabeus sobre o domínio helénico e a reconsagração do Templo em Israel, também chamada de Festa das Luzes onde se acende o Menorah; “Purim”, a 15 de Adar, celebra a salvação dos Judeus da Pérsia pela intervenção da Rainha Eshter, e que permite tanto a crianças como adultos uma diversão livre; “Pessach”, a 14 de Nissan, onde se celebra a libertação do Egipto e tem como tradição um jantar ritual que segue preceitos e orações específicos; “Shavuot” também chamada a Festa das Premícias ou Pentecostes, onde se celebra as primeiras colheitas e nas quais se entregava o dízimo no Templo, e celebra a entrega da Torah a Moisés por Deus, marca-se a 15 de Tamuz.

Símbolos: Menorah (candelabro de sete braços), Estrela de David (hexagrama), Estrela de Salomão (pentagrama).

Interditos: Para os judeus é proibido: cometer idolatria; assassinar; roubar; cometer imoralidades sexuais; blasfemar; maltratar animais; ter outros deuses diante Deus; dizer falso testemunho contra o próximo; cobiçar os bem do próximo; Kosherut (proibições relativas à alimentação); fazer nenhum dos 39 trabalhos (nem ninguém que viva dentro das suas portas) relativos à construção e manutenção do Tabernáculo ao Sábado.

Em Portugal: Existem quatro sinagogas a funcionar em Portugal: Mekor Haim no Porto (Ortodoxa), Beit Eliahu em Belmonte (Ortodoxa), Shavei Isarel em Lisboa (Ortodoxa) e Ohel Yacov também em Lisboa (Consevadora). Há cerca de 2 000 judeus em Portugal.

(António Caria Mendes e Mariana Vital)



PAGANISMO

O Politeísmo (adoração aos antigos Deuses), também conhecido por Paganismo do latim *paganus* que é relativo aos cultos rurais que observam os ciclos da natureza. Caracteriza-se por compreender uma diversidade de tradições e costumes religiosos entre as quais: Druidismo, Asatru (Deuses Nórdicos), Tradição Ibérica, Tradições Clássicas (Mesopotâmicas, Helénicas, Romanas, Fenícias), e Wicca.

Contexto de Origem: Religião composta por várias tradições milenares e seculares, mas que partilham a mesma raiz Politeísta e Panteísta (sacralização da Natureza).

Visão do Mundo: Crença na sacralidade da natureza: panteísmo. Entendimento da diversidade como reflexo da natureza sagrada que resulta numa multiplicidade de panteões e deuses: politeísmo. A compreensão dualista em que os contrários, Espírito/Matéria, Feminino/Masculino, Preto/Branco se complementam (e não se combatem) é um dos princípios basilares da “crença” politeísta. A sua compreensão e a atitude correspondente é, para os Politeístas, o garante da continuidade da Roda ou Ciclo de Renascimento tal como o conhecemos.

Visão da Humanidade: A diversidade existente no divino reflecte-se na diversidade da Natureza que nos rodeia e espelha-se nas culturas que povoam a mesma terra. Assim, com o dom da responsabilidade e da equidade legítimas nessa diferença, cabe à humanidade descobrir que força da sua unidade está acima das suas diferenças.

Distribuição Geográfica: Estima-se que o número aproximado de pagãos/neopagãos seja de 3 a 6 milhões de aderentes distribuídos pelo mundo. O projecto adherents.com figura o Paganismo/Neopaganismo como uma das maiores religiões do mundo devido à sua contínua expansão nas últimas décadas.

Locais Sagrados: A visão panteísta do Paganismo entende como espaço de culto o espaço natural, o que na prática relaciona muitos cultos e práticas a espaços na natureza. Ainda que muitos templos aos Deuses e Deusas e outros antigos locais de culto pagão tenham desaparecido, também não é incomum a reconstrução de cultos em espaços com ruínas ou sinalizados como antigos templos.

Textos Sagrados: As tradições Pagãs centram-se à volta da importância da compreensão e interpretação dos mitos que compõem as várias tradições pagãs, pois estes contêm os ensinamentos morais e éticos que orientam a conduta correcta dentro da comunidade. Outros textos que fogem ao mito mas que são igualmente tidos como referência são construtos filosóficos como as leis de Sólon, ou textos de Pausânias e Platão (no caso dos clássicos mediterrânicos) e o Hávamál (no caso da tradição nórdica germânica).

Datas Sagradas: A observação atenta da Natureza, na manifestação do Divino, seus ciclos e suas leis, bem como a celebração dos ciclos naturais compõem o calendário pagão que é denominado Roda do Ano. A Roda do Ano é composta pelos momentos que marcam as diferentes estações do ano natural como é o caso dos Solstícios (21 de Junho e Dezembro) e dos Equinócios (21 de Março e Setembro). Fora destes marcos anuais, podem também ser observados os chamados Festivais do Fogo que marcam, com a lua, os meados das estações como as Candelárias (por volta de 1 de Fevereiro), as Maias (por volta de 1 de Maio), o Lughnasad (por volta de 1 de Agosto) e o Samhain (por volta de 31 de Outubro). Na Roda do Ano/Vida observam-se o ciclo solar e os ciclos lunares que seguem a lei divina, do Eterno ciclo do nascer, crescer e morrer/renascer.

Símbolos: Os símbolos de culto são os que representam estes ciclos: o Sol e a Lua, o Caldeirão e o Bastão (como símbolos do dualismo profícuo em que representam nos diversos planos da Criação o poder do masculino e do feminino), o Pentagrama (quatro Elementos naturais: Terra, Ar, Água, Fogo e Elemento do Espírito), a Deusa Tríplice (as três fases da Lua: Crescente, Cheia e Minguante). Outros símbolos poderão ser usados que pertençam a cada tradição pagã específica: o Mjølner – Martelo de Thor nas Tradições do Norte; a Coroa de Louros nas tradições Helénicas; a Deusa Tríplice no Movimento da Deusa; etc.

Interditos: Muitos pagãos como os Wiccans regem-se com o mote: És livre de fazer o que quiserdes desde que não prejudiques ninguém. Na mesma tradição, há quem igualmente observe o ditado: tudo o que fizeres voltará para ti três vezes maior.

Em Portugal: A P.F.I. – Associação Cultural Pagã representa como pessoa religiosa colectiva a comunidade pagã em Portugal desde 1996. Sendo também do mesmo ano a sua ligação à Pagan Federation International.

(Mariana Vital)



IGREJAS PROTESTANTES

O termo “Protestante” (do latim *protestari*) tornou-se comum como referência aos opositores da Igreja Católica Romana na sequência da declaração pública (protesto) exarada pelos príncipes que apoiavam Martinho Lutero (1483-1517), e resposta à deliberação da Dieta de Spira (1529) que reafirmava a condenação às 95 Teses (1517). O vocábulo “Evangélico” foi proferido pelos reformadores, designadamente Lutero e João Calvino (1509 - 1564), que o aplicaram desde cedo à sua expressão de fé e comunidades que se foram formando. O termo “Reformado”, embora de aplicação mais estrita aos seguidores de Calvino, decorre do movimento comumente conhecido como Reforma Protestante.

Contexto de Origem: O Protestantismo é uma confissão cristã que, como tal, se reclama herdeira dos ensinamentos de Jesus Cristo e seus apóstolos, tendo como base fundamentalmente os escritos preservados na Bíblia. Todavia, no sentido mais restrito, a Reforma Protestante foi um movimento encetado no século XVI, embora com antecedentes no período medieval, e dinamizado por figuras como Lutero e Calvino. As suas raízes encontram-se estruturadas em torno da discussão de temas nucleares como o da centralidade e autoridade das Escrituras, o dos sacramentos, da liturgia e das mediações, em grande medida postos em causa como meios legítimos na prossecução do acesso à Graça e à Salvação. A multiplicidade de denominações surgidas e desenvolvidas a partir da Reforma tem um fundamento unitário: *sola gratia, sola fide, sola scriptura*, mas sobre essa base formulam-se diferentes concepções eclesiológicas e cristológicas.

Visão do Mundo: A mundividência protestante, muito influenciada pela ênfase no indivíduo e na sua relação pessoal com Deus, implica um reposicionamento do crente diante Deus, que vai além da sua relação com a Igreja. Assim, mais do que uma contestação doutrinária, a refutação do sistema sacramental e da hierarquia eclesiástica católica (centrada na figura do Papa), entre outras, tornou-se um pressuposto básico do pensamento protestante. Por sua vez, os princípios do sacerdócio universal de todos os crentes e da livre interpretação das Escrituras repercutem-se nos valores da igualdade e liberdade.

Visão da Humanidade: A diferença é inata ao protestantismo, tanto na diversidade de pensamento como na pluralidade de vozes. Esta permanente atitude não só promove a crítica e a liberdade de pensamento como influencia a forma como o indivíduo atua na sociedade. Pode-se assim dizer que o protestantismo vive uma dupla dinâmica: a experiência da fé como iluminação interior do crente individual e a busca da comunidade perfeita como realização social da santidade.

Distribuição Geográfica: Total mundial: 800 640 000 (37% da população mundial) – África: 296 236 800 (37% do total; 27% da população); Ásia-Pacífico: 140 112 000 (17% do total; 3% da população); Américas: 263 410 560 (33% do total; 27% da população); Europa: 100 880 640 (13% do total; 14% da população).

Locais Sagrados: As Igrejas Protestantes têm como princípio doutrinário o sagrado como a fé do crente em Deus, e não em espaços físicos como locais ou edifícios. Ainda assim, é devotado grande respeito a alguns locais historicamente marcantes do Protestantismo como Wittenberg, onde Martinho Lutero afixou as suas 95 teses na porta da igreja do castelo, e também a regiões e localidades mencionadas na Bíblia, designadamente Jerusalém.

Textos Sagrados: A Bíblia, constituída por Antigo Testamento, que corresponde ao “cânone curto” dos judeus (39 livros), tendo assim menos livros que o dos católicos e ortodoxos, e por Novo Testamento (27 livros), comum a todas as confissões cristãs.

Datas Sagradas: As datas mais festejadas são as de celebração do nascimento de Jesus (Natal) e sua ressurreição (Páscoa). Em algumas denominações assinala-se o início histórico da Igreja (Pentecostes).

Símbolos: A Cruz é o símbolo mais associado ao Protestantismo, embora em alguns setores se utilizem representações do Peixe, em alusão à utilização que dele faziam comunidades paleocristãs.

Interditos: O uso, mais particularmente a veneração, de imagens de escultura e outros elementos iconográficos de culto não são aceites. Em alguns setores, em particular grupos adventistas, existem restrições alimentares decorrentes da aplicação literal da Lei de Moisés.

Em Portugal: Foi sobretudo a partir da segunda metade do século XIX que a Península Ibérica passou a ser perspectivada como um espaço de missão pelas denominações Evangélicas, com particular incidência das sociedades missionárias britânicas. Mas é também verdade que os pioneiros portugueses do Cristianismo Reformado encontraram na história do país as raízes de um Protestantismo nacional, procurando simultaneamente uma legitimação e uma valorização histórica para o percurso das comunidades Reformadas no país. Surgidas de um movimento amplo e abrangente, as comunidades Evangélicas presentes em Portugal viram a sua uniformidade reforçada pelo carácter minoritário que as caracterizava e pela afirmação de princípios de fé fundamentais que eram, simultaneamente, um instrumento de diferenciação em relação ao Catolicismo. O Cristianismo Evangélico tendeu a expandir-se através de um processo de desmultiplicação, uma verdadeira dinâmica sociológica. Esse percurso deu origem a uma multiplicidade de Igrejas que atualmente se podem estruturar em três principais grupos: a corrente sinodal congrega no seu interior a Igreja Lusitana, o Metodismo e o Presbiterianismo e é atualmente representada pelo Conselho Português de Igrejas Cristãs (estabelecido em 1971); a corrente não-hierárquica comporta as comunidades de regime congregacionalista, como os Irmãos Darbistas, as sensibilidades Batistas e as expressões Pentecostais, Neopentecostais e Carismáticas, hoje representada pela Aliança Evangélica Portuguesa (organizada em 1921); por último, um Protestantismo de novas fronteiras que inclui denominações tão distintas como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, as Testemunhas de Jeová, a Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias (conhecidos por Mórmons) e ainda algumas comunidades Neopentecostais não integradas na Aliança Evangélica como, Maná-Igreja Cristã e Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras. Em Portugal, o Protestantismo lato sensu é a maior minoria religiosa representando cerca de 4% da população.

(Rita Mendonça Leite, Simão Daniel Fonseca e Timóteo Cavaco)



ROSACRUZ

O Movimento Rosacruz tem a sua origem histórica há 400 anos, no início do século XVII, com a publicação de três “Manifestos”, fruto da reflexão espiritual de um grupo de eruditos, teósofos e místicos alemães. Nesses manifestos, onde surge uma personagem com profunda carga simbólica – Cristão Rosacruz –, perpassa o apelo a uma reforma geral do mundo, realizada com base no cristianismo hermético e na investigação das leis da natureza. Pensadores como Jacob Böhme, Robert Fludd, René Descartes, Jan A. Comenius, Isaac Newton, Robert Boyle, Gottfried W. Leibniz, Karl von Eckarthaussen e Johan W. Goethe, mantiveram a orientação humanista da Rosacruz. Movimentos como a maçonaria, o martinismo, a teosofia ou a antroposofia, consideram-se herdeiros do seu legado. No início do século XX, assistiu-se ao ressurgimento da tradição rosacruz e, actualmente, muitos movimentos adoptam essa designação como emblema do seu trabalho.

Contexto de Origem: Nos anos 1614, 1615 e 1616, são publicados respectivamente os três Manifestos: Fama Fraternitatis RC (A Chamada da Fraternidade Rosacruz); Confessio Fraternitatis RC (o Testemunho da Fraternidade R.C.); e Bodas Alquímicas de Cristão Rosacruz. Neles perpassa o apelo a uma renovação de todos os âmbitos da vida humana, através do conhecimento e aplicação das leis naturais e divinas, pela aplicação de um processo simultaneamente individual e colectivo, conduzido pelo espírito liberto no homem. Nos Manifestos, a origem da “Ordem” Rosacruz, tendo como fundador “Cristão Rosacruz” situa-se na “Morada do Espírito Santo”, no século XIV, onde germinou a herança das antigas tradições e escolas sapienciais da Antiguidade. Os Manifestos no seu conjunto apelam ao regresso a um cristianismo mais puro e autêntico. Este cristianismo rosacruz era combinando com a visão hermética e alquímica que oferecia uma visão do mundo como um enorme templo-laboratório, no qual a contemplação das leis e relações entre todas as coisas teria de conduzir a operações de desmaterialização (solve) e materialização (coagula), conduzidos pela essência crística para uma transmutação da humanidade. Essa proposta de renovação orienta-se para os três campos – ciência, religião e sociedade – mas não se confunde com a reforma protestante, porque não se baseia numa nova interpretação das escrituras, mas fundamentalmente na procura de uma ligação ao Espírito, para que a alquimia rosacruz seja coroada com sucesso.

Inicialmente um movimento de ideias e uma orientação espiritual para a humanidade moderna, focada na consciência racional, o movimento rosacruz toma formas organizativas no final do séc. XVII e é em 1710 que Samuel Richter, que usava o pseudónimo Sincerus Renatus (renascido sincero), cria uma ordem formal, a Fraternidade da Ordem da Cruz de Ouro e Rosas, fortemente vinculada à Alquimia (pelo que o termo ‘rosacruz’ se converteu praticamente em sinónimo de alquimista), e os seus membros são frequentemente referidos como os ‘Rosacruz de Ouro’. Por outro lado, é no século XVIII que na ainda jovem maçonaria especulativa se desenvolvem grupos de maçons interessados na alquimia que formam agrupamentos e sociedades rosacruzes, como a ainda existente *Societas Rosicruciana in Anglia*, ou a portuguesa *Societas Rosicruciana in Lusitania*. Dessa corrente materializaram-se vários ritos maçónicos inspirados na Rosacruz, que actualmente ainda se encontram no Capítulo Rosacruz, que compreende os graus 17 e 18, do Rito Escocês Antigo e Aceite. O séc. XVIII conhece ainda o surgimento da “Ordem dos Cavaleiros Eleitos Coên” em cujo topo estavam os “Réau-Croix”, cujos ritos se integravam na Maçonaria Capitular Escocesa, denominada Estrita Observância. O seu fundador, Martines de Pasqually, era um teósofo e taumaturgo, principalmente interessado na cabala. Outros teósofos influenciados pela herança rosacruz nesse século, foram Louis-Claude de Saint-Martin e Emmanuel Swedenborg. Será no Século XIX que Saint Martin (Papus) criará o moderno movimento Martinista. Actualmente, a Antroposofia, a AMORC, a Escola Internacional da Rosacruz Áurea – *Lectorium Rosicrucianum*, assim como a Rosicrucian Fellowship (Fraternidade Rosacruz de Max Heindel), são alguns dos grupos que procuram colocar em prática o trabalho rosacruz ao serviço do mundo e da humanidade.

Visão do Mundo: Tudo o que existe no universo possui vida. Todos os seres vivos, e todas as coisas são dotados de inteligência e de vida. Decorre daqui que a Rosacruz rejeita qualquer forma de totalitarismo, seja religioso ou político. A Rosacruz reconhece a igualdade de todos os seres vivos, sem qualquer discriminação de género, porque ambos, masculino e feminino, são uma expressão de Deus.

A Rosacruz faz um apelo à “Fraternidade Universal” formada por todos aqueles que já entraram num estado de vida imortal, independentemente do sistema de iniciação e das crenças que tornaram isso possível.

Visão da Humanidade: A Divindade não pode ser descrita e só pode ser conhecida nas suas manifestações: Deus está em toda parte e também no homem, pelo que ao conhecer-se a si mesmo, o ser humano pode descobrir a presença divina em si mesmo. O ser humano possui uma natureza dupla, animal e espiritual. Mas é apenas ciente da primeira. Portanto, a Rosacruz procura ajudar a que cada um descubra a sua natureza espiritual, de modo que as duas naturezas

se unam, e assim alcançar um novo estado de ser em harmonia e coerência consigo mesmo.

Distribuição geográfica: Milhares de mulheres e homens em todo o mundo desenvolvem uma actividade de cariz rosacruz em quase todos os países do Mundo, com especial incidência no mundo ocidental – Europa, América e América Latina.

Datas sagradas, Textos sagrados, Locais sagrados e símbolos: Os símbolos mais comuns no movimento rosacruz são:

- A cruz, com a rosa ao centro;
- A cruz com uma coroa de rosas ao centro;
- O pelicano a alimentar as suas crias;
- O círculo, o quadrado e o triângulo, sobrepostos.

Não há datas ou locais consensualmente considerados sagrados ao longo dos quatro séculos de tradição deste movimento. São considerados fontes de um ensinamento universal os textos fundadores de praticamente todas as tradições religiosas e teosóficas e antroposóficas. A maior parte das correntes rosacruzes são cristocêntricas, dando especial destaque à Bíblia, e aos evangelhos, assim como aos textos cristãos gnósticos. As escrituras sagradas, inclusive a Bíblia e mais particularmente os evangelhos, são consideradas representações simbólicas do processo espiritual de libertação que será vivenciado por todos os homens. Nesta acepção não podem, portanto, ser compreendidas como meros relatos históricos.

São também geralmente estudados os textos taoístas e hindus, entre outra literatura antiga e moderna. Entre os autores modernos encontram-se referências como: Catharose de Petri; Helena Blavatsky; Jan van Rijckenborgh; Max Heindel; Rudolf Steiner; Spencer Lewis.

Interditos: Liberdade e responsabilidade são pedras fundamentais no movimento rosacruz.

Em Portugal: Há registo de intensa actividade de criação de círculos de estudo durante a 1ª República. Conhece-se também actividade de membros da Rosicrucian Fellowship (Rosacruz de Max Heindel) em publicações relacionadas com nutrição, saúde e vegetarianismo, assim como na defesa dos direitos dos animais, ou em grupos de estudo do Esperanto. Esta actividade é fortemente reduzida durante o Estado Novo, em que é perseguida pela PIDE. Em 1966 a PIDE assalta, encerra e confisca todos os bens da sede da Fraternidade Rosacruz de Max Heindel e durante esse período regista e vigia membros da AMORC. Após o 25 de Abril, as actividades destes grupos desenvolvem-se livremente. Actualmente em Portugal possuem expressão e centros espalhados por todo o País os seguintes grupos:

- Antiga e Mística Ordem Rosacruz, AMORC.
- Escola Internacional da Rosacruz Áurea - Lectorium Rosicrucianum
- Fraternidade Rosacruz (Rosicrucian Fellowship) de Max Heindel.

Por outro lado, acompanhando a tendência e o interesse crescente nos estudos independentes sobre as fontes e história do hermetismo e do rosacruçianismo, a Escola Internacional da Rosacruz Áurea - Lectorium Rosicrucianum cria a Fundação Rosacruz, que se constitui em 2007, em Portugal, como um fórum aberto, em colaboração estreita com instituições académicas, organismos culturais e com a Bibliotheca Philosophica Hermetica, de Amsterdão.

(Rui Lomelino de Freitas)



TEOSOFIA

Teosofia, segundo Helena P. Blavatsky. Não confundir com Teosofia, de Jakob Böhme (sec. XVI-XVII)

Contexto de Origem: A Sociedade Teosófica (TS), foi fundada por Helena Blavatsky, o Coronel Olcott, o seu 1º Presidente (ambos tomaram votos no Dharma do Buda, no Sri Lanka) e William Q. Judge (o seu 1º Secretário). Adquiriu forma nos Estados Unidos da América, na cidade de New York, a 17 de novembro de 1875 e, depois de ter estado sediada em Bombaim, plasmou-se a 19 de dezembro de 1882, definitivamente e até aos dias de hoje, em Adyar, Estado de Madrastra, Terras de Bhārat (Índia). Annie Besant, a sua segunda Presidente, foi uma força ativa no processo de independência da Índia. Os seus princípios e o exemplo de vida altruísta dos seus fundadores e sócios mais proeminentes forma uma inspiração para líderes, cientistas, escritores e artistas. Lema: “Satyan nasti paro Dharma”, “não há melhor dharma (virtude; lei; doutrina; regra; conduta; dever; justiça; modo de vida; religião; etc.) do que a Verdade. Persegue três objetivos: Formar um núcleo de Fraternidade Universal da Humanidade, sem qualquer distinção de Raças, Credos, Sexo, Casta ou Cor; Promover o estudo comparativo das Religiões, Filosofias e Ciências; e Investigar as leis não explicadas da Natureza e os poderes latentes no homem.

Visão do Universo: Um olhar abrangente integrador que poderá ser entendido como um monismo sincrético: A Unidade Fundamental de Toda a Existência, A Eternidade do Universo in toto, com plano sem limites, ciclicamente «cenário de Universos Inumeráveis, manifestando e desaparecendo incessantemente. Uma fundamental unidade de todas as almas com a Alma Suprema Universal, esta última um aspecto da Raiz Desconhecida. Peregrinação de todas as almas pelo Ciclo da Necessidade ou Ciclo da Encarnação, regida pela Lei da Acção e Reacção ou lei do Karma. Nenhuma Alma Espiritual (Atman-Buddhi) pode ter uma existência consciente independente. Grande e Pequeno, dentro e fora, enfim todos os pares de opostos, são meramente as percepções de uma consciência limitada.

Visão da Humanidade: O Homem é um Microcosmo onde coabitam todas as Hierarquias. Não existem nem micro nem macrocosmos, mas sim a EXISTÊNCIA UNA.

Distribuição Geográfica: Durante os anos de 1920, a Sociedade Teosófica Adyar (secção da Sociedade Teosófica) tinha cerca de 7 mil membros nos Estados Unidos da América. De acordo com a organização Teosófica, a secção Indiana em 2008 contaria com cerca de 13 mil membros enquanto, pela mesma altura, nos Estados Unidos da América, o número rondaria os 3 900 membros.

Textos Sagrados: São tidos como referência primeira os seguintes livros: A Doutrina Secreta, Isis sem Véu, A Voz do Silêncio (estas primeiras três obras da autoria da primeira teósofa, a Helena P. Blavatsky), A Chave para a Teosofia, Sabedoria Antiga, etc.

Locais Sagrados, Datas Sagradas e Interditos: Não são reconhecidas nem datas sagradas, nem locais sagrados nem interditos.

Símbolos: O símbolo da Sociedade Teosófica é o brasão que transporta o lema: não há maior caminho do que verdade.

Em Portugal: A Sociedade Teosófica de Portugal (fundada a 1921) e o Centro Lusitano de Unificação Cultural (fundada em 1988) procuram, através dos seus objetivos, atuar sobre a causa real dos problemas atuais (ignorância, dogmatismo e sectarismo), desenvolvendo, deste modo, atividades profundamente transformadoras, cujos efeitos são duradouros e de amplo alcance.

(António Faria)



TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Segundo a Bíblia, Jeová é o nome de Deus. (Êxodo 6:3; Salmo 83:18) Uma testemunha é alguém que declara publicamente conceitos ou verdades dos quais tem a certeza. Assim, o nome Testemunhas de Jeová identifica-nos como um grupo de cristãos que declaram a verdade sobre Jeová, o Criador de todas as coisas. (Apocalipse 4:11) Nós damos testemunho às pessoas pelo nosso modo de viver e por lhes falar sobre as coisas que aprendemos na Bíblia. — Isaías 43:10-12; 1 Pedro 2:12.

Contexto de Origem: A organização atual das Testemunhas de Jeová começou no fim do século XIX, quando um pequeno grupo de estudantes da Bíblia perto de Pittsburgh, Pensilvânia, EUA, começou uma análise sistemática da Bíblia. Eles comparavam as doutrinas ensinadas pelas igrejas com o que a Bíblia realmente ensina e começaram a publicar as suas conclusões em livros, jornais e na revista que hoje é chamada “A Sentinela”, anunciando o Reino de Jeová. Embora Charles Russell, membro desse grupo de sinceros estudantes da Bíblia, tenha tomado a dianteira na obra educativa bíblica naquela época e tenha sido o primeiro editor de “A Sentinela”, ele não foi o fundador de uma nova religião. O objetivo dele e dos outros membros daquele grupo era divulgar os ensinamentos de Cristo e seguir o modelo deixado pelos cristãos do primeiro século. Visto que Jesus é o Fundador do cristianismo nós consideramo-lo o fundador da nossa organização. — Colossenses 1:18-20.

Visão do Mundo: As Testemunhas de Jeová seguem o conselho da Bíblia de ‘respeitar todas as pessoas’, não importa se são religiosas ou não e, caso o sejam, não importando a sua religião (1 Pedro 2:17). Não tentam pressionar políticos ou legisladores para dificultar ou proibir a obra de outros grupos religiosos, nem fazem campanha para que sejam aprovadas leis que obriguem a comunidade a seguir as suas convicções morais e religiosas. Em vez disso, tratam os outros com o mesmo respeito com que gostariam de ser tratados. (Mateus 7:12)

Visão da Humanidade: As Testemunhas de Jeová amam os seus vizinhos. Como cristãos, esforçam-se por ser bons cidadãos. São conhecidas no mundo inteiro por cumprirem a lei e respeitarem as autoridades. São membros de uma religião cristã mundial que partilha com outras pessoas, de forma ativa, informações sobre Deus, cujo nome é Jeová, e sobre o seu Filho, Jesus Cristo. Adotam o modelo dos cristãos do século I.

Distribuição Geográfica: As Testemunhas de Jeová são uma religião cristã bem conhecida e estabelecida, com mais de 8 milhões de membros em todo o mundo, que se reúnem para adoração em mais de 118 000 congregações. Têm direitos e privilégios idênticos aos de outras religiões reconhecidas.

Locais Sagrados: As Testemunhas de Jeová não têm locais sagrados.

Textos Sagrados: As Testemunhas de Jeová acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus, infalível e inspirada, e baseiam nela todas as suas crenças. (João 17:17). Acreditam que a Bíblia é a única fonte de orientação divina. (Salmo 119:105). Algumas partes da Bíblia devem ser entendidas de forma figurada ou simbólica. (2 Timóteo 3:16, 17; Apocalipse 1:1). A Palavra de Deus dá conselhos práticos sobre o casamento, a vida familiar, as relações humanas, a felicidade e muitos outros assuntos. (Efésios 5:33–6:4; Mateus 5:3; 7:12). Acreditam que, para além de os aproximar mais de Deus, viver de acordo com os princípios da Bíblia dá sentido à vida, promove laços familiares mais fortes, e forma cidadãos honestos e produtivos.

Datas Sagradas: Cada ano, no dia 14 do mês de Nisã (de acordo com o calendário lunar judaico), reúnem-se para a comemoração da “refeição noturna do Senhor” (Jesus Cristo). — Lucas 22: 19.

Símbolos: Ainda que não reconheçam símbolo algum, as Testemunhas de Jeová podem fazer-se representar institucionalmente pelos traços de uma Torre de Vigia, que remonta aos tempos em que o nome desta comunidade seria Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados da Pensilvânia (fundada nos Estados Unidos da América), mas que também se pode associar ao nome da publicação Sentinela.

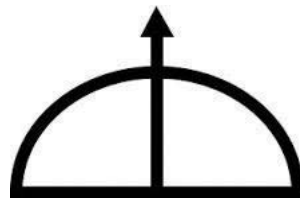
Interditos: Jesus disse que “as pessoas com saúde não precisam de médico, mas sim os enfermos”. (Mateus 9:12) As Testemunhas de Jeová aceitam tratamentos médicos. De facto, algumas Testemunhas de Jeová são médicas, assim como o cristão Lucas, do primeiro século. (Colossenses 4:14) No entanto, exercem o direito constitucional à “objeção de consciência” no que diz respeito a tratamentos médicos que entrem em conflito com os princípios bíblicos. P. ex., não aceitam transfusões de sangue. (Atos 15:20) Mas a grande maioria dos tratamentos médicos disponíveis não entra

em conflito com os princípios bíblicos. (Gálatas 6:5) A Bíblia também proíbe práticas espíritas. (Gálatas 5:19-21) As Testemunhas de Jeová são politicamente neutras e não se envolvem em guerras.

Em Portugal: As Testemunhas de Jeová em Portugal continental e ilhas são mais de 52 000 distribuídas por cerca de 700 congregações.

(Pedro Candeias e Mariana Vital)

Cosmovisões de Raiz Africana



CANDOMBLÉ

Candomblé, do Kimbundu remetendo para “costume dos povos negros”. O nome tem origem na escravidão no Brasil, associada à institucionalização das práticas religiosas africanas, as quais foram designadas, primeiramente por Calundu.

Contexto de Origem: As práticas religiosas que estão na base do Candomblé aportam-se a diferentes contextos geográficos africanos, todavia centrando-se no Golfo do Benim e com algumas influências Bantu de Angola e Congo. A consolidação do Candomblé, enquanto religião estruturada, deu-se na Bahia no começo do séc. XVIII, aquando da organização dos africanos em irmandades religiosas católicas com fins de conversão. Tal ofereceu terreno favorável à recuperação da memória africana e à adaptação ao novo contexto social, económico, político e cultural. Entre as várias figuras associadas à estruturação do Candomblé, contam-se Iyánásò Oká, sacerdotisa do culto imperial de Şàngó (Xangô, deus do império, da justiça e do fogo) da cidade de Oyo, antiga capital do império Yorùbá, Iyá Adetá, originária da cidade de Kétu, e que instituiu o culto de Ode (Odé, deus da caça), Bámgbóşé Obitikò (Bamboxê Obitikô), ligado também ao culto de Xangô, Tálábí de Ajunsun (deus das doenças e da terra) de Abomey, Ludovina Pessoa, natural de Mahi, no Daomé (atual República do Benim), entre outras figuras históricas.

Visão do Mundo: Designado por àiyé, é o espaço onde habitam os seres vivos. Reflexo do Òrún, do mundo-outro, espaço onde estão os deuses, os mortos e os ainda por nascer ou renascer.

49

Visão da Humanidade: A humanidade é o reflexo dos deuses – imperfeita, dada a paixões de toda a natureza. Esta deve guiar-se pelo Iwá Pẹlẹ (Iwá Pélé), “o bom caráter”, quer na relação entre humanos quer na relação com os deuses. Uma boa vida – morrer de velhice, deixar muitos filhos, ter sido justo e bom – é garante de acesso à ancestralidade.

Distribuição Geográfica: O Candomblé encontra-se espalhado por todo o Brasil, embora histórica e demograficamente esteja associado a Salvador da Bahia. O número de templos e de membros é difícil de calcular, sendo possível avançar com mais de 10 mil templos em todo o país, havendo distribuição ainda pela América Latina e Europa.

Locais Sagrados: Todos os templos são sagrados. A par de tal facto, constam-se ainda os lugares na atual Nigéria, associados aos primórdios dos cultos aos deuses (Òrìşàs, Orixás), como a gruta e o rio de Oşun em Oşogbo.

Datas Sagradas: As datas litúrgicas são definidas anualmente.

Textos Sagrados: Os mitos dos Òrìşàs constituem-se como textos sagrados por natureza. Não obstante, é na prática ritual, nas celebrações, oferendas e iniciações religiosas que reside o âmago da religião. E ainda que no Candomblé não hajam textos sagrados, os cânticos são tidos como sagrados.

Símbolos: Cada divindade possui os seus símbolos sagrados, como o arco e flecha (Ofá) de Oşóşì (Oxóssi), deus da caça, o abebe, leque de Oşun (Oxum) ou o òpásóró (Opáxôrô), o cajado da criação de Òrìşàńlá (Orixálá).

Interditos: Os interditos ou tabus religiosos são individuais, associados à relação do sujeito com a divindade à qual se encontra consagrado por nascimento e cujo vínculo é firmado com a iniciação.

Em Portugal: Institucionalizado na Comunidade Portuguesa do Candomblé Yorùbá (CPCY), mas com inúmeros templos sem regulamentação, razão pela qual o número exato não seja possível avançar, mas prevendo-se em torno de 2 mil.

(João Ferreira Dias)



UMBANDA

Umbanda, do Kimbundu m'banda, remeteria para as práticas de cura.

Contexto de Origem: A Umbanda nasce dos encontros entre as tradições africanas do Candomblé e da Kimbanda, com o Espiritismo kardecista, com o catolicismo português e crenças orientais. Trata-se de uma religião que se origina no Rio de Janeiro do séc. XX, em pleno contexto de crescimento do kardecismo, manifestando uma intenção de religiosidade verdadeiramente brasileira, mas longe das cargas negativas legais e preconceituosas que recaiam sobre o Candomblé. De acordo com a memória oral e tradição umbandista, esta teria nascido pela agência de Zélio Fernandino de Moraes, que incorporando o Caboclo das Sete Encruzilhadas deu início à religião, anunciando uma nova era no espiritismo brasileiro.

Visão do Mundo: Na tradição corrente umbandista – são sete as linhas com princípios um pouco diferenciados – o mundo foi criador por Deus, que criou os seres humanos e todos os seres, habitando a terra. Neste aspeto a tradição umbandista é essencialmente católica, com o “fiat lux” divino. Após a criação do mundo, Deus entregou o governo da Terra aos Orixás.

Visão da Humanidade: A humanidade deve ser orientada pelo princípio da caridade e amor ao próximo. Criada por Deus, ela é incompleta e necessita da orientação dos Orixás e dos espíritos que são os mensageiros daqueles. Acreditando no destino como algo traçado por Deus, a Umbanda defende o karma como marcas do passado e situações para resolver, as quais requerem elevação espiritual. Da mesma forma, os espíritos cultuados, como caboclos, boiadeiros, exús, pombagiras ou pretos-velhos, são entidades desencarnadas que precisam auxiliar a humanidade, trabalhar para esta, de modo a conseguir a evolução na hierarquia das entidades religiosas e a evolução do médium. Acredita-se ainda que todo o bem, como o mal, tem seu retorno, pelo que o umbandista deve praticar o bem.

Distribuição Geográfica: A Umbanda é uma religião que teve uma forte expansão, quer no Rio de Janeiro onde nasceu, quer em São Paulo, Minas Gerais, e outros lugares do Brasil, conquistando espaço social diante do kardecismo.

Locais Sagrados: Na Umbanda os lugares sagrados são os altares e os templos, mas consoante o grau de influência católica, não se descoram locais emblemáticos do cristianismo, ou na sua vertente mais africanizada os lugares de culto aos Orixás em África.

Textos Sagrados: Entre os textos sagrados encontram-se essencialmente nos cânticos louvativos, nas preces evocativas aos Orixás, entidades e santos.

Datas Sagradas: As datas “sagradas” são veiculadas a partir do calendário católico, em virtude do sincretismo fundacional, ligado à perseguição dos cultos africanos. Desta forma, o calendário comemorado pelas tradições da Umbanda é fortemente sincretizado com o calendário comemorativo cristão católico de Portugal, no qual são associados Orixás de poder/evocação/mito semelhante. Assim, no dia 2 de fevereiro (dia da Nossa Senhora dos Navegantes) tem lugar a Louvação a Yemanjá; no dia 13 de junho (dia de Santo Antonio de Pádua) tem lugar a Louvação a Exú; no 30 de maio (Santa Joana C’Arc) tem lugar a Louvação a Obá, etc.

Símbolos: Os símbolos sagrados são a cruz de Cristo, as ferramentas identificatórias dos Orixás e entidades, e pontos riscados que identificam as divindades.

Interditos: Os interditos dos umbandistas são essencialmente morais, ligados à consequência das ações, e ligados aos períodos de festas profanas e ao calendário católico, como a Quaresma, altura em que cessam todos os rituais e os altares são cobertos com lençol branco.

Em Portugal: A Umbanda é a religião afro-brasileiro com maior presença em Portugal, contando com perto de meia centena de templos e um número significativo de devotos, uma vez que, por sua influência católica e kardecista, se aproxima mais das práticas e crenças históricas portuguesas, sendo de mais fácil adesão que o Candomblé, razão pela qual a Umbanda portuguesa terá algumas centenas – não contadas – de participantes religiosos.

Para saber mais:

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias:

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – Portugal

Site - <http://www.igreja-jesus-cristo.pt/>

Antroposofia:

Sociedade Antroposófica em Portugal

Site - <http://antroposofia-cienciaespiritual.blogspot.pt/>

E-mail - sociedade.antroposofica@gmail.com

Budismo - Dharma do Buda:

União Budista Portuguesa

Site: <http://www.uniaobudista.pt/>

E-mail - mail@uniaobudista.pt

ou

Budismo Theravada da Floresta

Site - <http://sumedharama.pt/>

E-mail - mosteirotheravada@gmail.com

Candomblé:

Comunidade Portuguesa de Candomblé e Yorùbá

Site - <http://cpcy.pt/site/>

E-mail - correio@cpcy.pt

Confucionismo:

Confucionismo

Site - <http://www.sepoangol.org/confucio.htm>

Cristianismo Evangélico:

Aliança Evangélica Portuguesa

Site - <http://www.aliancaevangelica.pt/>

Cristianismo Oriental/Ortodoxo:

Igreja Ortodoxa de Portugal

Site - <http://www.igrejaortodoxa.pt/>

E-mail - mosteiro.nascimento.m.deus@igrejaortodoxa.pt

Daoísmo – Taoísmo:

Associação Daoísta de Portugal

Site - <http://associacaodaoistadeportugal.blogspot.pt/>

E-mail - adp317@gmail.com

Fé Bahá'í:

Comunidade Bahá'í de Portugal

Site - www.bahai.pt

E-mail - info@bahai.pt

Franco-Maçonaria:

Grande Oriente Lusitano – Maçonaria Portuguesa

Site - <http://www.gremiolusitano.pt/>

ou

Grande Loja Legal de Portugal

Site - <https://www.gllp.pt/>

Hinduísmo – Filosofias/Religiões Védicas:

Comunidade Hindu Portugal

Site - <http://www.comunidadehindu.org/>

E-mail - secretaria@comunidadehindu.org

Igreja Adventista do Sétimo Dia:

Igreja Adventista do Sétimo Dia

Site - <http://www.adventistas.org.pt/>

E-mail - comunicacoes@adventistas.org.pt

Igreja Católica Apostólica Romana:

Conferência Episcopal Portuguesa

Site - <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/>

Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo – Os Tocoístas:

Igreja Tocoísta em Portugal

Site - <http://www.insjcm-tokoistas.org/>

E-mail - secretariadotokoistapt@gmail.com

Islão – Vertente Sunita:

Mesquita Central de Lisboa

E-mail - info@comunidadeislamica.pt

Islão – Vertente Xiita:

The Religion of Islam

Site - <http://www.islamreligion.com/pt/articles/490/xiitas-xiismo-e-isla-parte-1-de-2/>

Islão – Vertente Xiita Ismaelita:

The Ismaeli Centre – Lisbon (Centro Ismaeli - Lisboa)

Site - <https://www.theismaeli.org/ismaelicentres/lisbon>

Judaísmo:

Comunidade Israelita de Lisboa

Site - <http://www.cilisboa.org/>

E-mail - administrativo@cilisboa.org

Paganismo:

PFI – Associação Cultural Pagã

Site - <http://pt.paganfederation.org/>

E-mail - pfipt@sapo.pt

Protestantismo:

Conselho Português de Igrejas Cristãs

Site - <http://www.copic.pt/>

E-mail - copic.conselhodeigrejas@gmail.com

Rosacrucianismo:

Escola Internacional da Rosacruz Áurea - Lectorium Rosicrucianum

Site - <http://www.rosacruzaurea.org.br/>

E-mail - info@rosacruzaurea.org.br

ou

Ordem Rosacruz AMORC Portugal

Site - <http://www.amorc.org.pt/>

E-mail - gc.rcportugal@amorc.org.pt

Sikhismo:

Gurdwara da Congregação Sikh de Lisboa

Site - <http://lisboagurdwara.yolasite.com/>

E-mail - bharpur2003@gmail.com

Teosofia:

Sociedade Teosófica de Portugal

Site - <http://www.sociedadeteosoficadeportugal.pt/>

E-mail - geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

ou

Centro Lusitano de Unificação Cultural

Site - www.centrolusitano.org

E-mail - info@centrolusitano.org

Testemunhas de Jeová:

Testemunhas de Jeová

Site – <https://www.jw.org/Pt>

Umbanda:

Templo de Umbanda Tenda de Oxossy

Site - <http://templodeumbandatendadeoxossy.jimdo.com/>

Xintoísmo:

Jinja Honcho - The Association of Shinto Shrine (Ing.)

Site - <http://www.jinjahoncho.or.jp/en/>

ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES
Rua Álvaro Coutinho, 14 - 1150-025 Lisboa
T.+351 218 106 100 | F.+351 218 106 117
www.acm.gov.pt



FUNDO
ASILO, MIGRAÇÃO
E INTEGRAÇÃO



SGMAI
SECRETARIA
GERAL
MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA



UNIÃO EUROPEIA